



UNIVERSIDADE CATÓLICA PORTUGUESA
FACULDADE DE TEOLOGIA
Instituto Universitário de Ciências Religiosas

MESTRADO EM CIÊNCIAS RELIGIOSAS
Especialização: Educação Moral e Religiosa Católica

RUI TIAGO FERREIRA FERNANDES MONIZ

A Pedagogia do Serviço:

**Uma proposta educativa a partir da reflexão sobre a
Unidade Letiva 2 do 6.º ano, “Jesus, um Homem para os
outros”**

**Relatório Final da Prática de Ensino Supervisionada
sob orientação de:**

Professor Doutor Jerónimo dos Santos Trigo

Mestre Cristina Maria Ramos Cavalheiro de Sá Carvalho

**Lisboa
2018**

*“Nós somos todos feitos de amor, para amar.
Cada um de nós é um milagre de amor, do Amor infinito de Deus;
e uma vez dentro da vida, temos de a realizar... amando.”¹*

¹ AMÉRICO M. AGUIAR, *Pão dos Pobres*, 1.º Vol, Casa do Gaiato, Paço de Sousa, 1986, 60-61.

AGRADECIMENTOS

A conclusão de uma grande etapa e o alcançar de um objetivo há muito desejado, implica um “obrigado” a todos aqueles que de alguma forma contribuíram para que tal fosse possível.

Em primeiro lugar agradeço aos professores da Universidade Católica, de modo particular aos professores Cristina Sá Carvalho, Jerónimo Trigo e Juan Ambrósio, pela orientação e disponibilidade. Agradeço também ao professor Frederico Baptista, da Escola Salesiana de Manique, principalmente pela partilha do seu exemplo de “professor próximo”.

Agradeço igualmente aos colegas e amigos que realizaram comigo este percurso de formação, por todos os momentos de partilha e pelo exemplo extraordinário de perseverança que foram para mim. Não poderia ainda deixar de agradecer aos meus amigos e à minha família, que sempre me apoiaram e incentivaram.

Por fim, recordo com saudade o Pe. Ricardo Neves. A confiança que depositou em mim ao integrar-me no seu projeto para o Colégio Sra. da Boa Nova, foi também o ponto de partida para a realização deste percurso de formação académica. Faço minhas estas suas palavras de oração, confiando a Jesus as próximas etapas do meu caminho:

Meu Senhor Jesus, ensina-me na minha vida:

A fidelidade sem hesitações,

A simplicidade sem artifícios,

A confiança sem medos,

A solicitude sem descanso,

A inteligência sem superficialidade,

A palavra sem mentiras,

O olhar sem julgamentos,

O serviço sem vaidade,

A autoridade sem domínio,

O perdão sem razões,

O amor sem recompensa.

Meu Senhor Jesus,

Ensina-me a ser discípulo e servo,

Filho e irmão, ouvinte e mensageiro.

Ensina-me a ser Teu e todo da Igreja.

Ámen.

RESUMO

Este Relatório Final conclui a Prática de Ensino Supervisionada, realizada nos Salesianos de Manique – Escola, no âmbito do Mestrado em Ciências Religiosas. Coloca em destaque a lecionação da Unidade Letiva 2, “Jesus, um Homem para os outros”, do Programa de Educação Moral e Religiosa Católica do sexto ano, que apresenta Jesus como Aquele que ama e se faz próximo da humanidade, com gestos concretos de serviço que os seus discípulos são convidados a perpetuar. A reflexão realizada sobre esta unidade destaca a dimensão do serviço ao próximo enquanto proposta de Jesus, que no presente se estende às comunidades cristãs e também à disciplina de EMRC. Conclui-se que a disciplina de EMRC deve propor um modo cristão de olhar e viver a vida, que leve os alunos a assumirem o bem comum e o cuidado ao outro como prioridade, implementando na escola um critério de solidariedade. Neste sentido, é apresentada neste relatório a Pedagogia do Serviço, enquanto proposta educativa inovadora, capaz de integrar o serviço com a aprendizagem, num método pedagógico único. Sugere-se a adoção da Pedagogia do Serviço, como forma de envolver os alunos num processo de aprendizagem rigoroso, que procura simultaneamente, através do serviço, dar resposta às necessidades concretas da comunidade.

Palavras-Chave: Pedagogia do Serviço, EMRC, Aprendizagem, Serviço, Comunidade, Jesus, Próximo.

ABSTRACT

This final report finalizes the Teaching Supervised Practise performed at Salesianos of Manique – School, carried out in the Master of Religious Science. It highlights the second teaching unit, "Jesus, a Man for others", from the 6th grade curriculum of Catholic Moral and Religious Education that shows Jesus as the One who loves and is near mankind through specific gestures of service that his disciples were invited to perpetuate. This unit's considerations stress the service to others as a proposal from Jesus that, in the present, is extended to Christian communities as well as to Catholic Moral and Religious Education. One can conclude that Catholic Moral and Religious Education should propose a Christian way of looking and living life that leads students to take on the common good and the care for others as a priority by implementing a criteria of solidarity at school. Therefore, the report presents the Pedagogy of Service as an innovative education proposal in a unique pedagogic method capable of integrating both service and learning. It is suggested the introduction of the Pedagogy of Service as a way to include the students in a rigorous learning process that also aims to answer specific needs of the community through service.

Keywords: Pedagogy of Service, Catholic Moral and Religious Education, Learning, Service, Community, Jesus, Neighbor.

INTRODUÇÃO

Para que é que educamos? Qual o contributo especificamente cristão que temos para oferecer à “escola”? Em resposta a estas questões, afirmava o então arcebispo de Buenos Aires, Jorge Bergoglio, que o único motivo pelo qual os cristãos têm algo a fazer no campo da educação é a “esperança numa humanidade nova, noutra mundo possível”². Numa sociedade que tantas vezes promove o individualismo e uma competitividade agressiva, onde apenas se olha para o sucesso obtido e onde os mais frágeis são colocados à margem, o contributo cristão passa por oferecer uma educação que “testemunhe e realize outra forma de ser humano”³, que implique uma ação positiva e não apenas uma oposição às formas de agir com que discordamos. Esta ação positiva passa, entre outras formas, segundo Bergoglio, pela implementação de um critério de solidariedade. A educação para a solidariedade não se restringe à promoção de ações de voluntariado ou a ensinar os alunos a serem bons e generosos, é preciso criar uma nova mentalidade, que pense em termos de comunidade e que opere uma mudança. A solidariedade constitui-se como uma marca identitária do estilo cristão de levar a cabo a tarefa de educar, no entanto, de que forma posso implementar esta marca na realidade concreta de uma escola e mais concretamente enquanto professor de Educação Moral e Religiosa Católica (EMRC)?

A reflexão sobre estas questões, foi acontecendo ao longo da realização da Prática de Ensino Supervisionada (PES) e constituiu uma das motivações para a escolha que fiz do tema deste “relatório final da prática de ensino supervisionada”. A Pedagogia do Serviço (PS) é uma proposta concreta de “ação positiva”, que visa a procura do bem comum, vinculando as dimensões do serviço à comunidade e da aprendizagem, numa única proposta educativa. Constitui-se como um caminho viável para a construção de uma “civilização do amor”, como desejou o Papa Paulo VI, partindo da realidade de cada escola e de cada comunidade.

² J. BERGOGLIO, *Educar para uma esperança ativa – mensagens aos educadores*, Paulinas, Lisboa, 2015, 61.

³ *Ibidem*.

O primeiro capítulo deste relatório irá apresentar alguns dos aspetos relativos à PES, que realizei no ano letivo de 2016-2017, nomeadamente a caracterização da Escola onde decorreu, da turma a quem foram lecionadas as aulas e ainda uma avaliação global sobre todo o percurso realizado. Enquanto etapa de um percurso de profissionalização, a PES foi um momento de particular importância, na medida em que possibilitou o contacto com a realidade da “escola” e uma aprendizagem experiencial da leção da disciplina de EMRC. Em anexo é disponibilizada a versão digital do portefólio, onde constam todos conteúdos relativos às aulas lecionadas e à reflexão pessoal sobre as mesmas.

A experiência da PES que protagonizei, teve como momento central a leção da unidade letiva intitulada: “Jesus, um Homem para outros”. Assim, o segundo capítulo parte de uma questão colocada nesse contexto: “Como apresentar Jesus aos alunos?”. Partindo dessa questão são abordados alguns textos do Evangelho que apresentam Jesus como exemplo vivo de proximidade e de amor para com a humanidade. Jesus é também aquele que “veio para servir”, realidade que se torna evidente no gesto do lava-pés, que nos convida a uma atitude de serviço aos outros. Com base na abordagem à parábola do “Bom Samaritano” é ainda proposta neste capítulo uma análise à realidade do mundo atual e à necessidade de uma resposta por parte dos cristãos às situações apresentadas. O exemplo de vida de homens e mulheres que assumiram o desafio lançado por Jesus de se fazerem próximos dos seus irmãos conclui este capítulo, mostrando ser possível “viver para os outros” e animando-nos a agir no “nosso” presente.

No terceiro e último capítulo será abordada com detalhe a metodologia da PS, nomeadamente a sua origem, definição e as vantagens que apresenta para todos os envolvidos: alunos, professores, escola e comunidade. Serão exploradas as diferentes fases desta metodologia e as possíveis formas de aplicação, de modo particular no contexto da educação formal.

Como afirmava Jorge Bergoglio, olhar o outro como próximo e tornarmo-nos próximos, é o fundamento para a construção de uma comunidade humana e condição de possibilidade da

nossa própria humanidade⁴. A PS é uma nova ferramenta que poderá auxiliar na tarefa de construir esta comunidade mais humana a partir da “escola”, alimentado assim a “esperança numa humanidade nova”.

⁴ *Ibidem*, 137-138.

CAPITULO I – A PRÁTICA DE ENSINO SUPERVISIONADA

A PES é um dos momentos fundamentais do percurso formativo de um professor de EMRC. Trata-se de pôr em prática o conjunto de aprendizagens que foram sendo adquiridas e que passam a estar, a partir daqui, ao serviço de alunos concretos.

O contacto com a realidade de uma instituição de ensino, com o seu projeto educativo e com a individualidade de cada aluno, faz desta experiência um momento de indiscutível importância. É também uma oportunidade de aprendizagem experiencial na qual é fundamental, entre outros aspetos, a contribuição dos professores orientadores e a dimensão da reflexão pessoal sobre o desempenho.

Neste capítulo serão apresentados alguns dos aspetos relativos à experiência da PES, que realizei na Escola Salesiana de Manique (ESM) no ano letivo de 2016-2017, nomeadamente a caracterização da Escola e da turma a quem foram lecionadas as aulas e ainda a avaliação global da PES. Os tópicos relativos à caracterização, resultam do trabalho cooperativo do núcleo de estágio, que contribuiu de forma muito positiva para enriquecer a experiência realizada.

Em anexo, é disponibilizado o portefólio da PES em formato digital, onde constam, para além dos conteúdos já referidos, a planificação das aulas que foram lecionadas, o registo escrito da reflexão pessoal sobre cada aula e os diversos materiais pedagógicos produzidos, relativos à unidade letiva do sexto ano, do programa de EMRC, “Jesus, um Homem para os outros”.

Importa referir que esta experiência, enquanto momento de aprendizagem, foi o ponto de partida para o surgimento de novas questões que serão apresentadas e trabalhadas nos capítulos seguintes.

1. Caracterização da Escola e da Turma

Arends⁵ afirma que ensinar é uma arte. O ensino não é apenas guiado pelo conhecimento científico, depende de um conjunto complexo de julgamentos individuais, baseados em experiências pessoais que influenciam todo o processo.

Vivemos hoje numa sociedade multicultural, sendo este um aspeto que não pode ser esquecido quando o professor planeia o que fazer dentro de uma sala de aula. A aprendizagem é uma atividade cultural e social, na qual, através do conhecimento, os alunos constroem significados. Para que existam salas de aula “ativas”, é necessário que o professor conheça a realidade sociocultural dos seus alunos. Só assim estes serão envolvidos ativamente em experiências relevantes, onde lhes é dada oportunidade de dialogar, para que os significados possam ser desenvolvidos e construídos⁶. A aprendizagem deve ter lugar em comunidades caracterizadas pelo elevado grau de participação e envolvimento.

Uma das principais preocupações de um professor deve ser o conhecimento das suas turmas, de forma a adequar as estratégias utilizadas às necessidades dos alunos. O professor deve apostar na utilização de uma pedagogia diferenciada, atendendo aos diferentes estilos de aprendizagem. Será sempre importante, estabelecer ligações a conhecimentos adquiridos anteriormente, ou partir da realidade dos alunos para ajudar a fazer ligações do que já sabem com o que vão aprender. Claro que, isto só será possível, se o professor conhecer a realidade em que está inserida a comunidade escolar. A caracterização da escola e da turma, permite alcançar esse conhecimento essencial, que irá influenciar todo o trabalho desenvolvido pelo professor.

⁵ ARENDS, Richard – *Aprender a Ensinar*, McGraw-Hill, Lisboa, 1995.

⁶ *Ibidem*, 12.

1.1. Caracterização da Escola

O modelo da Escola Salesiana - Inspirada no modelo educativo de S. João Bosco – o sistema preventivo – a Escola Salesiana procura ser “casa que acolhe, paróquia que evangeliza, escola que forma para a vida e lugar de encontro entre amigos que sabem viver em alegria”. A pedagogia de D. Bosco é baseada no “sistema preventivo”, que valoriza a "personalização das relações educativas mediante a presença dos educadores no meio dos alunos, a sua participação na vida dos jovens e a sua disponibilidade para estar com eles”. Para isso contribuem os três pilares fundamentais, a razão, a religião e a amabilidade, que se traduzem: em atitude acolhedora, simples e natural que favorece a confiança; em espírito de família que facilita a compreensão e o convívio; em otimismo e alegria que imprimem a todas as relações pessoais um estilo juvenil; em amizade educativa marcada pela presença constante do educador entre os alunos⁷.

Para S. João Bosco “a educação é uma questão do coração”. Na escola da vida, o amor é a única lição que é fundamental aprender. Só o amor transforma positiva e construtivamente a vida das pessoas. Quem educa no amor aponta caminhos sem impor, anima e motiva à partida, acompanha durante a viagem e acolhe no final da jornada. Uma casa salesiana, como é o caso da ESM, tem a missão de estimular e motivar os jovens a sonhar alto. O primeiro passo é olhar para si mesmo, encontrar-se, percorrer o caminho da interioridade, encontrar-se aí com Deus que nos desafia, surpreende, suscita, provoca, desinstala, entusiasma, fascina, acompanha e orienta.

Enquanto escola católica, a ESM assume a missão da Igreja de colaborar com a sociedade para o desenvolvimento integral das pessoas a partir da mensagem e dos valores do Evangelho. Através da sua ação educativa, promove a formação integral dos alunos de acordo com a conceção cristã da pessoa, da vida e do mundo; propõe uma síntese entre fé, cultura e

⁷ ESM, *Projeto Educativo de Escola 2010-2014*, 4, disponível em <http://www.manique.salesianos.pt/>, acedido a 19.04.2017.

vida; ministra o ensino religioso escolar com programas académicos adequados no seu conteúdo e qualidade; promove, para quem o deseja, itinerários de educação na fé; orienta para a inserção e para o compromisso nos movimentos e serviços eclesiais; colabora com outras forças sociais comprometidas na construção da sociedade.

O contexto social da ESM - De acordo com a informação constante no Plano de Desenvolvimento Curricular⁸ e no Projeto Educativo⁹ relativamente ao meio sociocultural, este faz referência à construção habitacional que rodeia a Escola e dá corpo à zona que é atribuída pelo Ministério da Educação à ESM¹⁰.

A ESM abrange a população de Manique, uma parte da Adroana, do Bairro de 16 de novembro e dos bairros sociais do Miradouro, dos Bem Lembrados, da Cres e da Estrada, onde vive um número significativo de famílias realojadas, provenientes de países africanos de língua oficial portuguesa (PALOP) e de outras nacionalidades, que apresentam problemas de desemprego, pobreza e de integração social. Ao mesmo tempo, tem crescido a construção de moradias e condomínios com uma população de nível socioeconómico médio-alto.

Daqui resulta, que as motivações, as necessidades, as expectativas dos alunos e dos seus grupos familiares exigem da ESM uma intervenção atenta à diversidade. Consciente desta realidade, a comunidade educativa potencia os recursos materiais e humanos de modo que todos tenham a oportunidade de socializar, de descobrir que podem ser felizes e que podem alcançar os objetivos a que se proponham, no âmbito do seu desenvolvimento e crescimento pessoal. A escola está aberta a todos e procura promover um ensino de qualidade junto da comunidade, recebendo os alunos da zona atribuída pelo Ministério da Educação ao abrigo do contrato de associação celebrado. No sentido de responder a todos aqueles que não fazendo parte desta zona tenham interesse no Projeto Educativo, existe a possibilidade de frequentarem a Escola através da modalidade de “lecionação paga”.

⁸ ESM, *Plano de Desenvolvimento Curricular: Desafia-te a Fazer Maravilhas* - 2016-2017.

⁹ ESM, *Projeto Educativo de Escola 2010-2014*.

¹⁰ *Ibidem*, 7.

A ESM é frequentada por 1564 alunos abrangidos pelo contrato de associação em turmas que vão do 5.º ano ao 12.º ano. No âmbito da “lecionação paga”, frequentam a escola um total de 362 alunos em turmas do 5.º ao 11.º ano.

O corpo docente é composto por 120 professores que são auxiliados na sua ação educativa por 98 funcionários de diversas áreas profissionais. Também integram a escola um professor no núcleo de apoios educativos, dois psicólogos, uma associação de pais composta por 130 associados, os órgãos diretivos e uma associação de estudantes.

Projeto educativo - O projeto educativo é definido como o documento que consagra a orientação educativa da escola, sendo elaborado e aprovado pelos seus órgãos de administração e gestão, para um horizonte de quatro anos, no qual se explicitam os princípios, os valores, as metas e as estratégias, segundo os quais a escola se propõe cumprir a sua função educativa. Este projeto, elaborado pela comunidade educativa salesiana e submetido à aprovação do conselho pedagógico e entidade titular, procura traduzir a identidade da ESM cuja missão é a promoção integral da pessoa, onde se procura o crescimento e o amadurecimento de cada aluno em todas as suas dimensões, através de uma educação que se caracteriza pelo espírito de família, pelo clima de alegria, pelo sentido de festa e pela participação criativa, utilizando o ambiente educativo, como veículo e proposta de valores.

A partir da análise ao projeto educativo é possível determinar os seguintes eixos para uma apresentação das ideias principais defendidas pela instituição na sua missão educativa junto das comunidades do seu meio envolvente: ideário salesiano; missão; princípios; valores e atitudes.

Ideário Salesiano: A ESM é uma escola particular, com regime misto, onde coexiste o contrato de associação com o Ministério da Educação e o contrato simples (lecionação paga), numa proposta educativa que acolhe alunos que frequentam o 2.º e 3.º ciclos do ensino básico e o ensino secundário, num total de 67 turmas, com base na informação recolhida no projeto educativo 2012/2014¹¹.

¹¹ *Ibidem*, 3.

A entidade titular é o “Centro Educativo Salesiano – IPSS”, que se faz representar pelo seu presidente, o qual, juntamente com outros salesianos colaboradores, é o garante da identidade salesiana da escola. Enquanto escola salesiana, procura harmonizar o desenvolvimento humano com o crescimento cristão, constituindo um espaço privilegiado de educação e evangelização dos jovens. Reúne em si uma síntese coerente e desenvolvida dos valores evangélicos, das orientações do magistério da Igreja e das orientações legislativas em vigor, num estilo peculiar baseado no método pedagógico de S. João Bosco, tal como já foi referido anteriormente.

Por isso, a identidade salesiana da ESM exige a convergência de intenções e de ação por parte de todos os seus membros que participam no processo educativo, dando origem a uma Comunidade Educativo-Pastoral que é ao mesmo tempo sujeito e ambiente de educação e na qual o jovem pode encontrar uma outra casa.

A ESM é também uma escola aberta, popular e inclusiva. Além das relações com o Ministério da Educação, com outras escolas salesianas e escolas da zona onde está inserida, a ESM colabora com diversas instituições da área geográfica onde está situada, criando contactos, colocando à disposição espaços e recursos, promovendo uma cultura de solidariedade e a dignidade da pessoa humana.

Missão: O pluralismo da sociedade e a diversidade existente entre as múltiplas concepções da pessoa, da vida, do mundo e da mesma sociedade provoca uma evidente diversidade de propostas educativas. Por outro lado, são muitos os autores que defendem que a escola dos dias de hoje necessita centrar os seus modelos de ensino/aprendizagem e de organização, em processos que possibilitem dar resposta aos desafios da atualidade, através da promoção de práticas que desencadeiem situações de verdadeira aprendizagem, às quais os alunos atribuam significado, desenvolvam competências, minimizando as resistências geradoras de conflitos que condicionam o processo de ensino/aprendizagem¹².

¹² ESM, *Projeto Educativo de Escola 2010-2014*, 5.

A ESM procura educar não só para o êxito acadêmico, mas também para o desenvolvimento integral dos alunos e para a sua participação na construção responsável da sociedade e da igreja do dia de amanhã. Fiel às orientações das escolas salesianas e à legislação em vigor, constitui uma proposta de educação diversificada, de qualidade e para a excelência, sintetizada na expressão “bons cristãos e honestos cidadãos”, promovendo um processo de humanização que visa o crescimento integral dos destinatários e a construção de uma sociedade justa e solidária. Esta missão não é só da responsabilidade do professor, mas de todos os intervenientes no processo educativo: alunos, professores, famílias e instituições¹³.

Princípios - Fiel ao seu ideário e missão, tomando como referentes os pressupostos da Lei de Bases do Sistema Educativo, a ESM deseja nortear a sua ação educativa de acordo com os seguintes princípios¹⁴: o aluno está no centro do ato educativo, favorecendo uma formação integral e uma aprendizagem de saberes e valores em função da sua vida; toda a comunidade educativa vive em ambiente de família, de modo a que todos colaborem e se sintam na escola como na sua própria casa; os educadores participam na vida dos jovens e disponibilizam-se para estar com eles, dentro e fora da sala de aula. A proximidade educativa do educador ajuda o educando a superar situações que possam incidir negativamente no crescimento integral da sua personalidade; todos os elementos da comunidade educativa são responsáveis pela atividade educativa, favorecendo a solidariedade e cooperação, no respeito pelas tarefas próprias de cada um e do princípio da subsidiariedade; segue de perto as orientações do sistema preventivo promovido por S. João Bosco, privilegiando as experiências positivas, antecipando o aparecimento de situações ou hábitos negativos, desenvolvendo positivamente as forças interiores da pessoa, criando um ambiente que estimule, sustente e desenvolva o gosto pelo bem; ultrapassar todas as formas de discriminação, favorecendo um ambiente de tolerância informada e crítica, respeitando a diferença e favorecendo a inclusão; respeito pelas normas e

¹³ *Ibidem*, 5.

¹⁴ *Ibidem*, 5-6.

orientações dos órgãos educativos, cumprimento dos programas, uso de materiais educativos oportunos e promoção de aprendizagens significativas.

Valores e atitudes - A ESM não é só um lugar de transmissão de saberes, mas um espaço de formação integral da pessoa: a par com a formação científica e intelectual, a ESM promove valores e atitudes que privilegiam a construção da dignidade individual e do respeito pela sociedade. Destacam-se os seguintes valores¹⁵: confiança, alegria, liberdade, tolerância, cidadania, verdade, justiça, trabalho, paz, cooperação e solidariedade.

As seguintes atitudes são igualmente salientadas¹⁶: escutar os outros, autoestima, sentido de humor, otimismo e esperança, autonomia, responsabilidade, respeito pelos outros, aceitar a diferença, cumprimento de regras, disciplina, participação ativa na sociedade, definição de objetivos, motivação, cumprimento do dever, perdão, amizade, companheirismo, comunicação, partilha e criação de uma escola-comunidade.

Os diferentes eixos do Projeto Educativo da ESM, que se constituem como fundamento da ação educativa da instituição, foram alvo da reflexão do núcleo de estágio e foram naturalmente tidos em conta no decorrer da PES. Um dos princípios que importa destacar, e ao qual o professor cooperante fez uma referência particular, é o da proximidade do educador com os alunos. Isto implica uma atenção personalizada, conhecer bem cada aluno, as suas preocupações e motivações. Este princípio é sem dúvida fundamental em qualquer contexto institucional e efetivamente visível no quotidiano da ESM.

É assim possível encontrar uma grande proximidade entre os vários eixos que foram apresentados e a identidade da própria disciplina de EMRC. Podemos por isso concluir que esta disciplina oferece um contributo positivo e significativo para o sucesso da missão educativa desta Escola.

¹⁵ *Ibidem*, 7.

¹⁶ *Ibidem*, 7-8.

1.2. Caracterização da Turma

A caracterização da turma é um elemento importante para um melhor conhecimento dos alunos e da realidade que os envolve nomeadamente no que concerne ao o seu percurso escolar, meio familiar, áreas de interesse, entre outros aspetos. Com este conhecimento é possível melhorar a ação pedagógica do professor, uma vez que esta poderá assim ser mais adaptada à turma e às suas características individuais. As seguintes informações foram recolhidas a partir dos documentos internos já existentes na escola, facilitados pela diretora de turma e que se revelaram bastante completos, evitando-se assim uma duplicação de procedimentos de recolha de dados.

A turma onde decorreu PES era constituída por vinte e seis elementos, doze raparigas e catorze rapazes. Até dezembro de 2016: vinte e um alunos tinham onze anos de idade; dois alunos contavam com doze anos de idade; registavam-se ainda dois alunos com treze anos de idade e um aluno com catorze anos de idade. Todos os alunos eram de nacionalidade Portuguesa.

No que respeita ao percurso escolar dos alunos, registavam-se: três alunos com uma retenção no 1.º ciclo, um aluno com uma retenção no 2.º ciclo e um aluno com uma retenção no 1.º e dupla retenção no 2.º ciclo. No entanto, nenhum dos alunos estava a repetir o sexto ano de escolaridade.

Dois alunos eram abrangidos pelo Decreto Lei 3/2008, sendo alvo de um programa educativo individual. Este decreto refere que “no quadro da equidade educativa, o sistema e as práticas educativas devem assegurar a gestão da diversidade da qual decorrem diferentes tipos de estratégias que permitam responder às necessidades educativas dos alunos”¹⁷. Ambos os alunos beneficiam do artigo 20.º deste decreto que garante adequações no processo de avaliação, que se concretizam na “alteração do tipo de provas, dos instrumentos de avaliação e

¹⁷ Decreto-Lei n.º 3/2008, de 7 de Janeiro do Ministério da Educação e Ciência. Diário da República, 1.ª série, n.º 4, 2008, disponível em www.dre.pt, acedido a 21.01.2017.

certificação, bem como das condições de avaliação, no que respeita, entre outros aspetos, às formas e meios de comunicação e à periodicidade, duração e local da mesma”¹⁸.

Relativamente ao grau de parentesco do Encarregado de Educação, constatámos que nove alunos têm a mãe como encarregado de educação e apenas um tem o pai. Há dezasseis alunos em que o encarregado de educação não é o pai nem a mãe, sendo que nestes casos esta função é desempenhada por outros familiares. A faixa etária dos pais situa-se maioritariamente entre os quarenta e os quarenta e nove anos, destacando-se a situação de um aluno em que o pai já faleceu. No que concerne às habilitações literárias dos pais, pudemos concluir que metade concluiu o ensino secundário e os restantes têm uma habilitação de nível superior. Ainda relativamente às questões familiares, constatou-se que oito alunos são filhos únicos, tendo os restantes maioritariamente um irmão.

Nos dados que nos foram facultados são também referidos os hábitos de descanso e de alimentação ao pequeno-almoço, fatores que têm influência no desempenho escolar. Concluiu-se que os alunos descansam um número de horas adequado e que todos tomam o pequeno-almoço em casa. Relativamente a questões de saúde identificadas destacam-se dois alunos com perturbação de hiperatividade e com défice de atenção, estando medicados por esse motivo.

No que concerne a apoios sociais, seis dos alunos são abrangidos pelo apoio social escolar (ASE). A maioria dos alunos habita no meio envolvente à escola, no entanto, apenas três se deslocam a pé para a escola, nove utilizam transportes públicos e dezassete deslocam-se de carro.

Os alunos da turma ocupam os seus tempos livres a ver desenhos animados, filmes, jogos de futebol, telenovelas e documentários na televisão, a utilizar o computador, a brincar, a ajudar os pais ou a ouvir música. Os alunos referem que usam o computador para fazer os trabalhos escolares, navegar na internet, realizar jogos didáticos e jogos de diversão. Mais de metade dos alunos da turma afirmam possuir hábitos de leitura, assim como praticar desporto com

¹⁸ *Ibidem*.

regularidade, nomeadamente natação, ténis, surf, futebol, dança, karaté, ginástica rítmica e acrobática, judo e boxe. Como “outras atividades”, os alunos indicaram que saem com os amigos, brincam e têm “práticas religiosas”.

Tendo em conta o ano letivo transato, as disciplinas de Inglês, Matemática, Português e História e Geografia de Portugal foram as áreas disciplinares nas quais foram registadas maiores dificuldades nos alunos da turma. Um aluno referiu que a “matéria de EMRC é muito complexa” para si. No que respeita às expectativas profissionais a maioria dos alunos referem que pretendem prosseguir os seus estudos no ensino secundário. No que concerne às profissões que os alunos ambicionam ter, foram referidas: jornalista, paleontólogo, osteopata, biólogo, futebolista, cientista, engenheiro civil, veterinário, investigador, massagista e surfista.

O espaço da sala de aula que está atribuído à turma possui uma boa iluminação e ambiente acolhedor, gerado pela própria decoração feita com placardes mostrando algumas das atividades realizadas pelos alunos. Como aspeto menos positivo destaca-se a limitação do espaço, que dificulta a circulação do professor pela sala.

2. Avaliação Global da PES

A realização da PES constituiu um momento privilegiado de aprendizagem em várias vertentes, tanto pessoais como profissionais. Apresentar uma avaliação global sobre esta experiência, é algo que tem necessariamente uma componente de reflexão pessoal feita na primeira pessoa. Este momento surgiu como etapa de um percurso pessoal, onde já constavam experiências profissionais no âmbito da docência e outras muito distintas, nomeadamente no âmbito do exercício profissional da enfermagem. Este “histórico pessoal” exerceu claramente a sua influência como uma mais-valia, sendo a partir do caminho já realizado, que foi possível continuar a caminhar.

Destacam-se positivamente alguns aspetos em que foi verificada uma evolução a nível profissional, nomeadamente na capacidade de planificação e consequente gestão do tempo de aula, no desenvolvimento da capacidade de reflexão sobre os mais variados pormenores relativos ao desempenho e ainda na capacidade de diversificação de estratégias utilizadas nas aulas. Neste ponto destaca-se o contributo muito positivo do núcleo de estágio e dos professores cooperante e orientadores, que fizeram igualmente parte deste percurso e que me ajudaram a identificar os pontos positivos e a melhorar, ao nível do meu desempenho enquanto docente. As críticas apresentadas pelos diferentes intervenientes, foram sempre oportunidade para poder evoluir e melhorar.

Relativamente à planificação, numa primeira fase de planificação anual e trimestral, foi realizado um trabalho conjunto com o professor estagiário a quem foi atribuída a mesma turma, tendo sido possível confrontar ideias no sentido de definir a melhor forma de trabalhar o programa da disciplina. Foi necessário adaptar o programa à realidade concreta da turma, com base nas informações que foram transmitidas pelo professor cooperante, uma vez que não existia um conhecimento prévio sobre os alunos. Procurou-se dar resposta ao programa da disciplina e simultaneamente ir ao encontro do Projeto Educativo da ESM, encontrando facilmente vários aspetos de contacto entre ambos. Desde logo chamaram-me à atenção os princípios de centralidade no aluno, proximidade educativa e de qualidade do ensino e das aprendizagens, que o Projeto Educativo indica, assim como os valores e atitudes promovidos pelo mesmo, que têm em vista a formação integral de cada aluno¹⁹.

Tal como já foi referido, as unidades letivas foram divididas entre os professores estagiários, tendo-me sido atribuída a segunda unidade do sexto ano, “Jesus, um Homem para os outros”. Esta foi uma situação que me levou a refletir bastante, principalmente no que concerne à planificação da unidade e à forma de abordar os conteúdos. Nesse sentido senti a necessidade de tomar contacto com o programa da disciplina de EMRC²⁰ de uma forma mais

¹⁹ ESM, *Projeto Educativo de Escola 2010-2014*, 6-8.

²⁰ SNEC, *Programa de Educação Moral e Religiosa Católica*, Lisboa, SNEC, 2014.

aprofundada, para o poder conhecer melhor. Fi-lo com um olhar crítico, identificando aquilo que entendo serem os seus pontos fortes e também aqueles em que considero poder haver alguma melhoria.

A abordagem feita pelo programa nesta unidade letiva²¹, engloba os três domínios de aprendizagem da disciplina, é por isso uma unidade que se pode considerar completa e equilibrada a este nível, apesar de trabalhar apenas quatro metas curriculares.

No que concerne ao domínio, “religião e experiência religiosa” estão contempladas as metas B, construir uma chave de leitura religiosa da pessoa e da vida e da história. Os objetivos propostos pretendem que o aluno compreenda, pela interpretação de textos bíblicos, qual foi a missão de Jesus, o Filho de Deus e que reconheçam a Ressurreição de Jesus como vitória da Vida sobre a morte. Neste ponto penso que seria importante incluir algum objetivo que visasse o conhecimento prático da Bíblia, uma vez que em toda a unidade, são apresentados como conteúdos a trabalhar sete textos bíblicos, alguns deles bastante extensos e complexos. Sendo verdade que no primeiro ciclo estes conteúdos são trabalhados no quarto ano, muitos destes alunos têm o primeiro contacto com a disciplina de EMRC apenas no 2.º ciclo, quando entram na ESM. Por este motivo, senti necessidade de incluir numa das aulas, ainda que de forma sumária, alguns conteúdos que permitissem aos alunos conhecer a Bíblia e a sua forma de organização. Em conjunto com o professor cooperante e com o professor orientador, conclui que uma das estratégias possíveis passaria por abordar os textos de uma forma mais simplificada e criativa, não sendo necessária a leitura integral de todos os textos, sem no entanto excluir a importância da leitura de algumas partes dos mesmos. Deste modo optou-se por recorrer a recursos audiovisuais que facilitaram a aproximação dos alunos a estes conteúdos, como foi o caso da apresentação de pequenos excertos de séries televisivas sobre a vida de Jesus.

No que concerne ao domínio “cultura cristã e visão cristã da vida” estão contempladas as

²¹ Ibidem, p. 66-67.

metas E, “identificar o núcleo central do cristianismo e do catolicismo” e a meta K, “reconhecer exemplos relevantes do património artístico criados com um fundamento religioso”. Os objetivos propostos para estas metas consistem em reconhecer a relação com Jesus de Nazaré como centro da identidade cristã e identificar o Deus misericordioso, anunciado por Jesus, como núcleo central da mensagem cristã. Penso que os conteúdos propostos são adequados e permitem aos alunos conhecer a pessoa de Jesus inserida num tempo histórico concreto, dando-lhes igualmente a conhecer a sua mensagem e a influência que esta teve na história da humanidade e que se prolonga até ao presente. Procurei dar destaque à dimensão de “novidade” da mensagem de Jesus e ao seu papel transformador na vida das pessoas, quer do seu tempo como da atualidade. No sentido de abordar os conteúdos relativos à arte enquanto forma de celebração da vida de Jesus, idealizei como estratégia uma caderneta de autocolantes que pudesse acompanhar o percurso dos alunos nesta unidade letiva. O facto dos autocolantes despertarem por si só o interesse dos alunos desta idade, pareceu-me uma boa estratégia para abordar um tema que considerei ser mais difícil de trabalhar. Em cada aula foi entregue aos alunos um exemplar, que dentro dos possíveis se relacionou com os conteúdos da aula. Acabou por ser uma das estratégias que mais sucesso alcançou junto dos alunos, ao nível da motivação para a aprendizagem, que se manifestava nos múltiplos pedidos de informações sobre os autocolantes, logo no início da aula.

Por fim no que respeito ao domínio “ética e moral” está presente a meta M, “reconhecer a proposta do agir ético cristão em situações vitais do quotidiano. Para esta meta é proposto como objetivo mobilizar o valor da vida na orientação do comportamento em situações do quotidiano. Procurei destacar nas aulas em que este objetivo foi trabalhado, a importância e influência da mensagem de Jesus no quotidiano. Os alunos foram convidados a procurar no seu dia a dia situações em que pudessem tornar a vida dos outros mais feliz, propondo estratégias para o fazer. Parece-me oportuno recordar o testemunho do Patriarca de Lisboa, D. Manuel Clemente, numa Jornada Diocesana da Juventude realizada em Mafra, em que este afirmava

ser fundamental levar os jovens a “*pôr a mão na massa*” e a agir nas suas comunidades no sentido de promover o bem comum. Esta unidade letiva apresenta várias potencialidades para tornar esta proposta viável, fazendo-o de forma integrada no programa da disciplina através da metodologia da PS. Para que isso se torne possível, seria naturalmente necessário reorganizar a planificação do ciclo, atribuindo por exemplo um trimestre à realização de um projeto com base nesta metodologia. A reflexão sobre a importância da responsabilização cívica dos alunos e sobre a necessidade de promover um maior envolvimento destes com a comunidade, que conjugasse o serviço com a aprendizagem, levou-me a desenvolver um estudo mais específico sobre a temática da PS, que culminou com a realização do presente trabalho.

A temática dos refugiados, do abandono e solidão dos idosos, da pobreza e da fome, são apenas algumas das questões atuais com as quais os alunos de EMRC se deparam. A realidade presente da humanidade, comprova ser urgente esta ação em prol da promoção da dignidade humana nos mais diversos contextos. É por isso fundamental ajudar os alunos a formar uma visão crítica sobre esta realidade e a sentirem-se responsáveis por procurar soluções. A abordagem à mensagem cristã, personificada na pessoa de Jesus Cristo, poderá ser um catalisador da vontade para uma atitude de serviço e doação ao próximo. A Boa Nova de Jesus, ao chegar aos alunos poderá interpelá-los nesse sentido. A disciplina de EMRC tem já como objetivo dar um contributo para a construção da comunidade humana, fazendo uma proposta que pretende levar os alunos a assumir o bem comum e o cuidado do outro como prioridade na sua vida. No entanto, no contexto letivo fica por vezes ausente a vertente prática desta proposta. Seria assim uma forma possível de fazer a passagem de uma abordagem apenas do interior da sala e ir ao encontro da comunidade e das suas necessidades de “cuidado”. Reforço, no entanto, a importância de integrar a aprendizagem académica e o serviço ao outro, sem comprometer o rigor dessa mesma aprendizagem. É um processo que implica a colocação do foco no aluno, tornando-o um elemento ativo de um processo de aprendizagem que se pretende rigoroso.

Ainda no que concerne às aulas desta unidade letiva, procurei sempre diversificar as

estratégias utilizadas, apostando na criatividade e na proposta de dinâmicas que cativassem a atenção dos alunos e os envolvessem em cada uma das aulas. O início das aulas incluiu sempre um momento de acolhimento em que procurei recordar a aula anterior. Os alunos na maioria das vezes referiram precisamente a estratégia principal da aula anterior e partindo daí os conteúdos abordados. Tive por isso a possibilidade de desenvolver as minhas competências de construção de materiais didáticos e de conhecimento de novos recursos, como foi o caso da plataforma “Plickers”²².

Considero que os alunos conseguiram alcançar os objetivos que foram propostos, realizando um percurso de aprendizagem muito positivo. Sendo o teste de avaliação um indicador, entre outros, do sucesso da aprendizagem realizada, os resultados obtidos pelos alunos da turma revelaram uma média de aproveitamento de 83%, não se registando nenhum aluno com resultado negativo e apenas três alunos com uma classificação inferior a 70%. Estes dados foram gratificantes e de certo modo indicadores do sucesso alcançado.

Relativamente às dificuldades com que me deparei e aos aspetos que considero menos positivos no meu desempenho, destaco a dificuldade verificada em gerir o tempo de cada aula. A síntese da aula, que considero ser um momento fundamental, acabou por ficar quase sempre prejudicada pela falta de tempo, não havendo a possibilidade de na maioria das aulas incluir os alunos no processo de elaboração da síntese. Algumas dinâmicas poderiam também ter sido melhor exploradas, dando mais espaço à participação da turma. Isto leva-me a concluir que a abordagem a esta Unidade teria beneficiado com a atribuição de um maior número de aulas, embora o facto de dividir a leção com outro professor estagiário nos tenha levado a atribuir um número de aulas semelhante a cada uma das unidades letivas.

Em suma considero que esta foi uma experiência muito positiva, que me ofereceu a possibilidade de evoluir positivamente quer a nível pessoal como profissional. Reforço mais uma vez a importância de todos os envolvidos neste processo: os alunos da turma, os

²² Plataforma Plickers, disponível em www.plickers.com, acedido a 20.05.2017

professores orientadores e o núcleo de estágio.

Globalmente as expetativas iniciais que foram identificadas para a PES, ficaram muito próximas da realidade que se veio a verificar. Procurarei avaliar em seguida as várias vertentes do meu desempenho, confrontando-as com o perfil esperado para um professor de EMRC que irei também apresentar.

3. O perfil do professor de EMRC

Da realização de um percurso de aprendizagem, faz parte integrante uma componente de reflexão, que se constitui como elemento fundamental neste percurso. No processo de reflexão que realizei, confrontei aquele que foi o meu desempenho, com aquilo que teoricamente se espera de um professor, mais especificamente de um professor de EMRC. Indica a Conferência Episcopal Portuguesa, que é esperado que os professores de EMRC revelem “jeito e gosto” pela missão educativa²³. Estando ao serviço da formação integral dos alunos, o professor deve ter em conta a sua especificidade e assumir o papel de propor na escola a mensagem de Jesus Cristo, que se traduz no assumir de um papel ativo na construção de uma comunidade mais humana e na promoção do bem comum. É também fundamental dominar um corpo de conhecimentos específicos e, que ao longo do percurso profissional, se verifique um esforço contínuo no desenvolvimento desses conhecimentos.

Conforme refere Jorge Pereira, o perfil do professor relaciona-se também com os papéis que a comunidade espera que o professor assuma e coloque em prática²⁴. Há em Portugal um enquadramento legal com base no decreto-lei 240/2001²⁵, que se foca e distingue quatro dimensões a que o professor deve dar resposta: a dimensão profissional, social e ética, a

²³ Cf. CEP, “Educação Moral e Religiosa Católica - um valioso contributo para a formação da personalidade”, Lisboa, 2006.

²⁴ Cf. J. PEREIRA, “Uma perspectiva sobre o perfil do professor”, in *Pastoral Catequética - Revista de Catequese e Educação*, n.º 5 (2006), 97-123.

²⁵ Decreto-lei 240/2001, de 30 de Agosto do Ministério da Educação. Diário da República, 1.ª série, n.º 201, 2001, disponível em www.dre.pt, acedido a 20.05.2017.

dimensão do desenvolvimento do ensino e da aprendizagem, a dimensão da participação na escola e de relação com a comunidade e por fim a dimensão do desenvolvimento profissional. D. Tomaz da Silva Nunes, numa das intervenções realizadas num fórum de EMRC²⁶ afirmava que para além do regime geral definido pelo DL 240/2001 existem alguns requisitos próprios que se relacionam com a especificidade da disciplina. Deste modo para o perfil geral do professor de EMRC, D. Tomaz considerava existirem três exigências principais: “*personalidade humana, docente e crente*”. No que concerne a uma personalidade humana, estão englobados aspetos como a maturidade, facilidade em estabelecer relações interpessoais, sensibilidade à problemática sócio-cultural, postura cívica e ética, entre outros. No que diz respeito a uma personalidade docente contempla-se uma propensão para a educação e para o ensino, aptidão científica e profissional, um compromisso com a sua formação e a capacidade de estabelecer relação com a comunidade. Por fim uma personalidade crente implica uma fé comprometida, a transmissão de um testemunho de coerência e de fé concordante com a doutrina católica e a capacidade de promover nos alunos uma abertura à dimensão religiosa com tudo o que isso engloba. Refletir sobre o percurso realizado, implica desde logo confrontar cada uma destas componentes de personalidade que D. Tomaz destacava, com a realidade do desempenho docente. Apresento assim algumas conclusões, da minha reflexão pessoal sobre o meu desempenho na PES, relativamente a cada uma destas componentes.

3.1. Personalidade humana

O meu desempenho na PES, foi influenciado por todo um conjunto de experiências anteriores que fizeram parte do meu percurso de vida. Durante o período em que desempenhei as funções de enfermeiro, por exemplo, era chamado em permanência a desenvolver a minha

²⁶ D. TOMAZ NUNES, “O perfil do docente de Educação Moral e Religiosa Católica”, in *Fórum de Educação Moral e Religiosa Católica*, SNEC, Lisboa, 2015.

capacidade de relação com o outro, a ter atenção à individualidade de cada pessoa de quem cuidava e à sua realidade sociocultural. Todas estas competências pessoais foram novamente chamadas a entrar em ação dentro da sala de aula, onde embora num contexto diferente, encontrei muitos pontos comuns.

Procurei sempre estar atento a cada aluno, saber escutá-los e enquadrar a individualidade de cada um nas aulas que preparava. No caso dos alunos mais perturbadores, foi necessário ter em conta todo um conjunto de elementos que faziam parte da sua realidade familiar e que tinham uma possível influência no “mau comportamento”. No decorrer das aulas, procurei igualmente despertar os alunos para a importância de não serem indiferentes ao mundo que os rodeia e de darem atenção a cada “próximo”.

Considero também fundamental o respeito pela privacidade de cada aluno e procurei por esse motivo ter sempre o cuidado de não transportar informações dos alunos para fora do contexto da escola. Não tendo por objetivo criticar ou apontar erros de outros, constato por vezes na prática dos professores, que muitas “histórias” são comentadas fora dos locais devidos, constituindo-se assim como falhas no agir ético.

No quadro da relação pedagógica que estabeleci com os alunos, procurei criar um ambiente e relação de proximidade, que fosse facilitador da aprendizagem e que permitisse aos alunos colocar as suas dúvidas e questões. Por vezes surgiram questões que estando fora da temática da aula, eram importantes naquele momento para a turma ou para algum aluno em particular. Foram algumas as vezes, em que um ou outro aluno, ficaram para além do tempo de aula para contar uma história ou colocar uma questão, tendo eu procurado sempre que possível dar resposta a essas situações, escutando-os. Por fim destaco a dinâmica estabelecida com os restantes colegas do núcleo de estágio, que foi claramente muito positiva. A cooperação estabelecida entre o grupo, foi facilitadora de todo o trabalho realizado, apesar das diferenças naturalmente existentes entre os seus elementos.

3.2. Personalidade docente

Ao nível da **competência científica**, para além da formação teológica e pedagógica recebida na Licenciatura e Mestrado em Ciências Religiosas, tive necessidade de aprofundar o meu conhecimento em determinados temas, por vezes relacionados com as aulas que estava a preparar. A PES foi uma oportunidade de aplicar na prática os conhecimentos científicos adquiridos ao longo dos anos anteriores, verificando “no terreno” a relevância de todo um percurso realizado até chegar a esta etapa. Embora considere a formação recebida bastante abrangente, entendo ser fundamental resistir à acomodação e procurar integrar um processo de formação contínua. A participação em fóruns de EMRC ou a consulta e estudo dos trabalhos publicados dentro desta área científica, serão possíveis contributos na persecução deste objetivo.

No que concerne à **competência pedagógica e didática**, considero que foi um dos pontos em que consegui evoluir mais e que requereu um maior investimento da minha parte. Desde logo tive de aprofundar o meu conhecimento sobre o programa da disciplina e fazer a sua apropriação, de modo particular da unidade letiva dois, “*Jesus, um Homem para os outros*”. Partindo da leitura e análise dos domínios de aprendizagem, das metas curriculares, dos objetivos programáticos, dos conteúdos e da relação destes com as finalidades da disciplina elaborei as diferentes propostas de planificação, que apresentei ao professor cooperante. Optei por seguir a proposta apresentada pelo programa na planificação das aulas que lecionei, apenas com pequenos ajustes na organização dos conteúdos. Senti que foi muito positivo o facto de ter realizado a planificação anual e trimestral com outro colega, na medida em que houve uma partilha de opiniões que contribuiu para a melhoria do resultado obtido.

Mais concretamente no que diz respeito à realização da planificação da unidade letiva, verifico que foi um trabalho bastante exigente a vários níveis, mas igualmente desafiante. Foi necessário planificar as aulas tendo em conta a especificidade da turma, que pela sua dimensão, constituiu só por si uma dificuldade. Conseguir envolver vinte e seis alunos numa aula de

EMRC é algo desafiante, que me obrigou por exemplo a descobrir novos recursos como foi o caso da plataforma “Plickers” e a estar mais atento ao envolvimento de cada aluno nas aulas. Tive também o cuidado de utilizar uma linguagem que fosse adaptada ao grupo com que estava a trabalhar. A diversificação de estratégias, foi um cuidado que esteve presente na realização da planificação, de modo a conseguir cativar e envolver os alunos. Foi com agrado que percebi que essa era uma característica que os alunos identificavam nas aulas, perceptível quando no início de muitas delas questionavam com entusiasmo “*o que vamos fazer hoje?*”. Depreendo que esta questão surgisse precisamente pelo facto das estratégias não se repetirem entre as aulas. Para além da diversificação, procurei que as estratégias fossem inovadoras, recorrendo aos meios disponíveis, como foi o caso do quadro interativo e outros recursos que transporte para a sala.

A **produção de materiais pedagógicos** foi um processo trabalhoso, sendo exemplos desses materiais os jogos, apresentações digitais, testes e fichas, entre outros. Foi, no entanto, um esforço compensador, na medida em que desta forma consegui ir ao encontro de algumas características específicas da turma e potenciar melhores aprendizagens. Desde a escolha das imagens, à edição dos vídeos apresentados, o padrão de cores utilizados, tudo foi feito com o objetivo de contribuir para uma melhor e mais eficaz transmissão dos conteúdos das aulas. Procurei que os materiais produzidos tivessem qualidade e fossem assim ao encontro das necessidades identificadas.

No decorrer de cada aula, a gestão do tempo, como já referi anteriormente, foi uma das maiores dificuldades. Considero que teria sido benéfico a atribuição de um maior número de aulas à unidade letiva dois, o que permitiria ter explorado melhor determinadas dinâmicas. Em muitas das aulas acabou por ser penalizado o momento da síntese, que considero bastante importante, nomeadamente para aferir e avaliar o sucesso da aprendizagem realizada pelos alunos. Uma vez que a dificuldade foi identificada desde o início, tive a oportunidade de em cada aula tentar melhorar e desenvolver competências neste campo.

Esforcei-me ainda por planificar as aulas de modo dinâmico, com diferentes intensidades, dando destaque às estratégias principais. Procurei também chegar a cada aluno, partindo em muitos casos das suas experiências e conhecimentos prévios que chamava para a aula. Promovi a participação de todos os alunos nas aulas, respeitando igualmente a personalidade de cada um.

Todos estes elementos que já referi contribuíram para o sucesso da aprendizagem realizada pelos alunos, que ficou expresso nos bons resultados alcançados pela turma, nos teste de avaliação, mas também no envolvimento e interesse que fui verificando ao longo das aulas. Houve sempre por parte dos alunos uma participação muito ativa, a partir da qual pude aferir que os conteúdos eram assimilados.

3.3. Personalidade crente

O Papa Bento XVI, no sentido de explicar o que é a fé afirmou: *“A fé não é simples assentimento intelectual do homem a verdades particulares sobre Deus; é um gesto mediante o qual me confio livremente a um Deus que é Pai e que me ama; é adesão a um «Tu» que me dá esperança e confiança.”*²⁷. Esta adesão é depois testemunhada no quotidiano, acontecendo naturalmente no contexto das aulas que lecionei. Procurei sempre transmitir com clareza os conteúdos programáticos, sendo eles também testemunho da fé e da doutrina da Igreja. Tal como afirma Dimas Pedrinho²⁸, é importante a relação entre aquilo que é o conhecimento transmitido e o que é vivido, ou seja, é preciso uma identificação pessoal com aquilo que se ensina.

²⁷ BENTO XVI, “Catequeses sobre a fé” - in *Audiência Geral de 24 de Outubro de 2012*, disponível em <https://w2.vatican.va>, acedido a 20.05.2017

²⁸ DIMAS PEDRINHO, “Competência científica e competência educativa do professor de EMRC”, *Pastoral Catequética - Revista de Catequese e Educação*, n.º 21/22 (2012), 21-36.

Muitas das questões colocadas pelos alunos, que se afastavam um pouco dos conteúdos da aula, eram por vezes interrogações profundas que despontavam a partir dos temas abordados e que exigiam atenção da minha parte. A abordagem à unidade letiva “Jesus, um Homem para os outros” e o confronto com a mensagem de Jesus por ela provocado, foi um contributo claro para a criação de uma maior abertura à dimensão religiosa nos alunos.

Procurei também ser junto da turma e da comunidade educativa um sinal de esperança. Este é no meu entender um dos papéis importantes da disciplina e do professor de EMRC. Uma esperança cristã, verdadeiramente enraizada em Deus, deve olhar as dificuldades e procurar novos caminhos que conduzam ao bem comum. Na prática, este testemunho pode surgir numa gestão de um conflito entre alunos, numa reunião de um conselho de turma, na construção com a turma de uma campanha solidária para auxiliar uma situação concreta, entre tantas outras hipóteses. A acomodação pode ser um dos grandes obstáculos a este testemunho da esperança, sendo por isso necessário contrariá-la. O discurso da esperança tem a capacidade de ser contagiante, devendo a disciplina de EMRC ser um testemunho concreto em cada comunidade escolar.

3.4. Considerações finais

Para além do que já foi referido, importa ainda assinalar a capacidade de reflexão que desenvolvi durante a PES. O exercício de refletir sobre o meu desempenho no final de cada aula e de o confrontar com a opinião dos colegas e professores, foi sem dúvida um motivo de crescimento pessoal e profissional. O trabalho em equipa foi também uma das novidades com que me deparei ao nível da lecionação e que considero mais positivas, na medida em que resultou numa ajuda mútua e na melhoria do desempenho de cada um dos elementos do grupo.

Afirmava D. Tomaz Nunes²⁹ que “nenhum docente nasce acabado, por isso, ninguém começa perfeito”. Partindo de uma formação inicial que me ofereceu as ferramentas científicas e profissionais indispensáveis, será agora necessário continuar um caminho de aperfeiçoamento tendo como foco os alunos e as comunidades educativas. O Papa Bento XVI apontava a educação, numa das cartas dirigidas à diocese de Roma³⁰, como “*tarefa urgente para que haja uma verdadeira mudança na sociedade*”, identificando como causa para a crise da educação “*uma crise de confiança na vida*”. Como solução apontava a procura da esperança em Deus, que se torna por sua vez esperança também para os outros, tornando-nos assim “*solidários no bem*” e estimulando-nos a uma educação recíproca para a verdade e para o amor. Pretendo a partir de agora, poder assumir essa “tarefa urgente”, sendo enquanto professor de EMRC testemunha da esperança, levando os alunos a assumir o seu papel na procura do bem comum e no cuidado do próximo.

²⁹ D. TOMAZ NUNES, “*O perfil do docente de Educação Moral e Religiosa Católica*”.

³⁰ BENTO XVI, *Carta à Diocese de Roma sobre a tarefa urgente da formação das novas gerações*, disponível em <https://w2.vatican.va>, acedido a 20.05.2017

CAPÍTULO II – JESUS, UM HOMEM PARA OS OUTROS

O trabalho que desenvolvi durante a PES, esteve relacionado de modo particular com a segunda unidade letiva do sexto ano, intitulada: “Jesus, um Homem para os outros”. O percurso realizado com os alunos nesta unidade letiva, pretendeu ir ao encontro dos objetivos que são propostos pelo programa da disciplina³¹, levando-os principalmente a conhecer e compreender quem é Jesus. Num artigo publicado na “Voz da Verdade”, semanário do Patriarcado de Lisboa, intitulado “Porque tens um X ao pescoço?”³², D. Nuno Brás, bispo auxiliar do Patriarcado, reflete sobre esta mesma questão que lhe foi colocada por uma criança, durante uma visita pastoral a uma escola: “Aquela criança simplesmente ignorava o que era uma cruz. Para ela tratava-se apenas de um adorno em forma de X. (...) Não se trata de uma questão de fé. Trata-se de aquela criança nunca ter encontrado sequer um adulto que fosse capaz de lhe falar de Jesus, da cruz e de como nela teve lugar a salvação.”

A criança referia-se naturalmente à cruz episcopal, para a qual não tinha uma chave de leitura. Mesmo sabendo ler e escrever, a criança não dominava a “gramática” que lhe poderia permitir reconhecer e ler aquele símbolo fundamental do cristianismo e naturalmente associá-lo à pessoa e à vida de Jesus Cristo. Embora na nossa sociedade este exemplo possa ainda ter o caráter de exceção, ele deixa patente que a memória da experiência cristã e da pessoa de Jesus vão estando progressivamente mais ausentes da vida dos alunos. Para que possam entender estas realidades com as quais se deparam é necessário que sejam ajudados a “empalavrá-las”.

A EMRC tem a obrigação de oferecer aos alunos uma chave de leitura do mundo e da existência que aos poucos vão descobrindo. Deve dar a conhecer aos alunos a linguagem e comportamentos próprios da religião católica, de modo a que eles possam entender a realidade. Conhecer Jesus Cristo e a sua mensagem, é por isso uma componente fundamental da disciplina

³¹ SNEC, *Programa de Educação Moral e Religiosa Católica*, 67.

³² N. BRÁS, “Porque tens um X ao pescoço?”, *Semanário Voz da Verdade*, n.º 4185 (2015) 16.

que aliás se encontra desde logo refletida nas suas finalidades, que preconizam o “adquirir um vasto conhecimento de Jesus Cristo...”³³. Sendo verdade que a EMRC se distingue do ensino da religião tal como acontece na catequese, é importante não esquecer que a religião católica é o fundamento da disciplina e que esta tem em Jesus de Nazaré o seu centro identitário. Surgem legitimamente diversas questões sobre de que forma apresentar Jesus aos alunos. Considero que a própria designação da unidade letiva “Jesus, um Homem para os outros”, apresenta a pista essencial para responder a estas questões.

Como veremos neste capítulo, Jesus apresenta uma nova forma de entender Deus, que toma a iniciativa de ser o “grande servidor”³⁴. É o próprio Jesus que se faz próximo da humanidade, com gestos concretos de serviço que revelam o seu amor por nós e que encontramos referenciados de forma abundante no Evangelho. Convida igualmente os seus discípulos a seguirem este desafio, “quem quiser ser o primeiro entre vós, faça-se servo de todos” (Mc 10, 44). Afirma Bento XVI que “só o serviço ao próximo é que abre os meus olhos para aquilo que Deus faz por mim e para o modo como Ele me ama”³⁵. Percebe-se assim que o serviço é uma forma privilegiada de encontro com Deus.

A disciplina de EMRC vai precisamente ao encontro desta dinâmica do serviço ao próximo, ao pretender dar um contributo para a construção da comunidade e da história humana, na medida em que faz uma proposta que pretende levar os alunos a assumir o bem comum e o cuidado do outro como prioridade na sua vida. Importa perceber qual o sentido profundo desta atitude de serviço que Jesus nos convida a assumir partindo do Seu exemplo.

Proponho assim começar este capítulo com uma abordagem aos textos do Evangelho que tornarão mais claro quem é Jesus enquanto homem que se faz próximo e que oferece a sua vida como dom para os outros. A parábola do Bom Samaritano assumirá um destaque particular na

³³ SNEC, *Programa de Educação Moral e Religiosa Católica*, Lisboa, 5.

³⁴ J. BORTOLINI, *Comentário à Liturgia Dominical*, Edições Paulistas, Lisboa, 1992, 95.

³⁵ BENTO XVI, *Carta Encíclica: Deus é Amor (Deus Caritas Est)*, 18, Paulinas, Lisboa, 2006.

medida em que revela qual a proximidade proposta por Jesus: um ser próximo que implica ir ao encontro do outro, disponível para o servir³⁶.

O gesto do lava-pés, será também abordado, na medida em que apresenta de uma forma paradigmática a doação total de Jesus e o desejo de que os seus discípulos sigam a sua proposta de amor ao outro. Este gesto é exemplo da condição de servo que Jesus assume e expressão da intensidade do Seu amor. Ele mostra que a construção do Reino de Deus é algo que se traduz em gestos concretos, chamando os discípulos a assumir uma atitude de humildade, serviço e respeito pelo outro.

No tempo presente, o desafio lançado por Jesus aos discípulos, deve continuar a interpelar constantemente cada cristão. À luz da parábola do “Bom samaritano”, proponho um olhar sobre o mundo atual, que no diagnóstico de Santa Teresa de Calcutá sofre principalmente com a falta de amor. Tal como refere o Papa Francisco é urgente estar atento ao fenómeno da “globalização da indiferença” que tenta silenciar a voz de muitos homens “meio-mortos” que pedem a nossa proximidade.

A resposta cristã a estas situações, implica ações concretas. É por isso necessário saber como agir. A Doutrina Social da Igreja, na medida em que reflete aquela que é a vivência da Igreja, constitui um guião de ação para os cristãos que importa conhecer. É também fundamental que cada cristão e que cada comunidade assumam uma atitude de diaconia no seu dia-a-dia. Esta será uma manifestação clara do ser e missão de Jesus, que é preciso testemunhar. Para finalizar este itinerário, considero importante apresentar alguns breves exemplos de cristãos que assumiram na sua vida o desafio de Jesus para se tornarem servidores e próximos dos outros.

³⁶ Cf. M. CLEMENTE, *O Evangelho e a Vida*, Lucerna, Cascais, 2015, 196.

1. Jesus, exemplo vivo de proximidade e amor

O Evangelho permite-nos conhecer Jesus com uma grande profundidade, olhando os Seus gestos, a Sua forma de se relacionar com as pessoas, a Sua generosidade e entrega total. A vida de Jesus, que se dá a conhecer por meio do Evangelho, interpela e fala assim à nossa vida³⁷. Ela foi sempre uma vida para os outros, partilhada em comunidade com aqueles que O seguiam³⁸. O estilo de vida que Jesus e os discípulos levavam, renunciando a uma terra onde habitar, aos bens materiais, aos mantimentos, a uma família, numa quase indigência, revelam a sua entrega total ao anúncio do Reino de Deus e também às pessoas, principalmente aos que ninguém amava³⁹.

Jesus aproxima-se preferencialmente dos mais frágeis: doentes, endemoninhados, epiléticos e cegos. Procurava também aqueles que eram os excluídos pela sociedade, os marginais, desprezados e os publicanos⁴⁰. Jesus fazia-se próximo de todos estes, pondo em causa e até ultrapassando os limites impostos pela sociedade da época. O amor de Jesus dignifica e sustenta cada uma destas pessoas e não se deixa limitar por critérios humanos, estende-se a toda a humanidade⁴¹.

É possível indicar diversos exemplos desta proximidade e doação concreta de Jesus para com os homens e mulheres da sua época. Jesus faz-se próximo, quando compadecido, estende a mão, toca e cura um leproso (Mc 1, 40-42), quando na entrada de Jericó, chama o cego que pedia esmola na beira do caminho para o curar (Lc 18, 35-43), quando come com cobradores de impostos e pecadores (Mc 2, 16-17), quando permite que uma mulher pecadora se aproxime e lhe unja os pés com perfume (Lc 7, 36-50), entre tantos outros exemplos que o Evangelho nos apresenta e que culminam com doação total da Sua vida na cruz.

³⁷ Cf. FRANCISCO, *Carta Encíclica: A Alegria do Evangelho (Evangelii Gaudium)*, 265, Paulus, Lisboa, 2014.

³⁸ Cf. J. GNILKA, *Jesus de Nazaré*, Presença, Lisboa, 1999, 166.

³⁹ *Ibidem*, 170.

⁴⁰ *Ibidem*, 172.

⁴¹ Cf. FRANCISCO, *Evangelii Gaudium*, 268.

O Antigo Testamento deixa claro que Deus ama o ser humano com um amor de eleição, muitas vezes ilustrado com as metáforas do noivado e do matrimônio ⁴², no entanto Jesus torna esta realidade visível, sendo Ele próprio o verdadeiro amor encarnado de Deus que na cruz se mostra na sua forma mais radical⁴³. É o reconhecimento e experiência deste amor, que nos amou primeiro, que pode fazer crescer em nós o amor que nos conduz a uma maior união com Deus e que nos leva igualmente a amar o próximo⁴⁴.

A vida e os ensinamentos de Jesus apontam precisamente no sentido do amor a Deus e ao próximo como chave para a felicidade do homem. Tal como refere a I Carta de São João, estas duas realidades do “mandamento do amor” são indissociáveis exigindo-se uma à outra. Quem é o meu próximo e quais as exigências desse amor, são duas questões que Jesus apresenta e esclarece de modo particular na parábola do “Bom Samaritano” (Lc 10, 25-37). Considero por isso relevante explorar de modo mais detalhado esta parábola.

1.1. Aprender a ser próximo com o “Bom Samaritano”

As parábolas constituem o centro da pregação de Jesus, sentindo-se através delas de forma imediata a proximidade a Jesus e ao seu modo de viver e ensinar⁴⁵. Terão sido pronunciadas em ocasiões por vezes imprevistas como resposta a situações concretas, questões ou desafios que Lhe eram colocados⁴⁶. Destacam-se também por terem feito parte do quotidiano das primeiras comunidades cristãs onde eram usadas como forma de ensino das palavras de Jesus.

A perícopes do Evangelho de São Lucas habitualmente designada por “Parábola do Bom Samaritano” (Lc 10, 25-37), surge na sequência de um diálogo de Jesus com um doutor da Lei. Verifica-se que, com esta parábola, o conceito de próximo perde os limites a que estava sujeito

⁴² BENTO XVI, *Deus Caritas Est*, 9.

⁴³ *Ibidem*, 12.

⁴⁴ *Ibidem*, 17-18.

⁴⁵ Cf. J. RATZINGER - BENTO XVI, *Jesus de Nazaré*, A Esfera dos Livros, Lisboa, 2007, 237.

⁴⁶ J. JEREMIAS, *As parábolas de Jesus*, Paulus, São Paulo, 2007, 10ª ed, 9.

e torna-se universal e extensível a todo o ser humano⁴⁷. A forma de amar o próximo aqui proposta não se reduz a um amor genérico, mas requer o envolvimento pessoal, uma atitude de “fazer-se próximo” de todo aquele que possa necessitar da minha ajuda.

Deparamo-nos com uma narração substancialmente verosímil, uma realidade e contextos que eram conhecidos daqueles a quem esta narração era dirigida. São disso exemplos a referência ao caminho de Jerusalém para Jericó (v.30) e as várias personagens referenciadas. Porém, partindo deste campo de experiência comum, faz transparecer algo que não teria sido compreendido até ao momento, neste caso a necessidade de amar sem limites, como forma de responder à questão colocada pelo doutor da Lei: “E quem é o meu próximo?” (v.29). Jesus mostra essa necessidade e, por fim, desafia a assunção de um novo comportamento: “Vai e faz tu também o mesmo” (v.37).

O autor sagrado situa este episódio no início do caminho de Jesus e dos discípulos para Jerusalém, que terminará com a morte e ressurreição de Jesus. Olhando para a designação tradicionalmente dada a este texto, verificamos que ela constitui em si um paradoxo, uma vez que associa o adjetivo “bom” a uma personagem que faz parte de um grupo desprezado e marginalizado. Esta designação pode conduzir erradamente o destinatário a atribuir aos outros personagens, por oposição, o papel de “mau”, nomeadamente ao Sacerdote e ao Levita.

No entanto, o sentido literal deste texto ultrapassa a mera ação caritativa do Samaritano. A perícopes começa por apresentar um debate teológico e prático entre Jesus e um doutor da Lei que o queria pôr à prova. São duas visões distintas da vida humana, uma centrada no cumprimento da lei e outra que se realiza no amor ao outro. Bento XVI destaca que “no centro da história do bom Samaritano, está a questão fundamental do homem (...) ‘Mestre que hei-de fazer para possuir a vida eterna?’ ”⁴⁸.

Em termos estruturais, segundo François Bovon, é possível identificar duas fases na

⁴⁷ BENTO XVI, *Deus Caritas Est*, 15.

⁴⁸ J. RATZINGER - BENTO XVI, *Jesus de Nazaré*, 250.

perícope⁴⁹. A primeira é marcada pela pergunta do doutor da Lei (v.25), uma contrapergunta de Jesus (v.26) e uma resposta (v.27); Jesus conclui com uma felicitação e um convite à ação (v.28). A segunda é semelhante em termos estruturais; no entanto, em vez de surgir uma fundamentação com base na Escritura, são as palavras de Jesus, mais concretamente a narração da história (v.30-35) que vão desempenhar esse papel. Jesus assume a necessidade de explicar a lei, e a parábola por Ele narrada tem essa função.

Fazendo uma análise mais detalhada, verifica-se que os primeiros versículos (v.27-28) mostram que Jesus e o doutor da Lei estão de acordo em servir-se da Escritura para responder à questão colocada sobre como aceder à “vida eterna”, apresentando o duplo mandamento do amor, a Deus e ao próximo, como forma de a alcançar.

O doutor da Lei reúne dois textos da Escritura, mais concretamente do Livro do Deuterónimo (Dt 6, 5) e Levítico (Lv 19, 18), para dar esta resposta, verificando-se aqui uma relação importante com o Antigo Testamento, que importa conhecer para que se consiga compreender este texto. Porém, depois disto, o doutor da Lei dirige uma nova pergunta a Jesus “Quem é o meu próximo?” (v.29), começando assim a já referida segunda fase da perícope. A parábola propriamente dita vai surgir como resposta a esta questão.

Importa reparar que no seguimento do capítulo, surge outra perícope distinta, o episódio de Marta e Maria (Lc 10, 38-42), que o autor sagrado coloca em relação com a dimensão do amor a Deus, ficando ilustrada a outra dimensão do mandamento anteriormente apresentado pelo doutor da Lei⁵⁰. A identificação do interlocutor de Jesus como doutor da Lei, indica-nos ainda que este seria alguém conhecedor das Leis, mas que apesar disso persistiam nele dúvidas sobre o modo de aplicar esta Lei ao concreto da sua vida. Quem seria afinal o seu próximo?

A discussão sobre esta temática era comum na época de Jesus em que, de várias formas, se colocavam limitações à noção de próximo. Era consensual considerar próximo o estrangeiro

⁴⁹ Cf. F. BOVON, *El Evangelio Según San Lucas II: (Lc 9, 51-14, 35)*, Ediciones Sígueme, Salamanca, 2002, 110-111.

⁵⁰ *Ibidem*, 114.

fixado em Israel, porém, uma expressão rabínica ensinava que se deveriam excluir do mandamento do amor os heréticos, os denunciadores e os apóstatas assim como os inimigos pessoais⁵¹, o próprio Jesus faz referência direta a esse costume e corrige-o (Mt 5, 43). Também os Samaritanos, que assumem nesta parábola um lugar de destaque, se encontravam excluídos da comunidade, principalmente pelo facto de poucos anos antes (entre os anos 6 e 9 d.C.) terem profanado o átrio do templo de Jerusalém durante a festa da Páscoa, espalhando ossos humanos nesse local⁵².

O doutor da Lei que, ao início, quer por Jesus à prova passa a estar na defensiva. Refere o texto (v.29) que ao colocar esta questão ele queria “justificar-se”. François Bovon coloca em evidência esta intenção, clarificando que para o autor sagrado querer justificar-se é sinónimo de dizer que ele queria ser aceite e reconhecido perante os homens e perante Deus, queria declarar-se justo⁵³. Espera assim que a definição de próximo dada por Jesus, vá ao encontro da sua prática habitual.

Quando Jesus anteriormente lhe responde “Faz isto e viverás” (v.28), tinha já ficado implícita a sua prática incoerente quando confrontada com as palavras da Escritura que acabava de citar. Verifica-se aqui um aspeto fundamental desta perícopa, o doutor da Lei surge como aquele que pretende balizar o amor, colocar-lhe limites, esperando ficar dispensado de amar alguns, de considerar como “próximo” quem não lhe agradava. Mas afinal até onde vai o limite do amor?

O doutor da Lei primava pelo cumprimento rígido das leis que lhe dariam o acesso à vida eterna. No entanto, a parábola colocará diante dele a necessidade de uma misericórdia desinteressada e ilimitada. Através da narração da parábola, Jesus vai inverter a pergunta colocada pelo doutor da Lei e convidá-lo a ser ele a “fazer-se próximo” (v.37). A atitude de Jesus perante o doutor da Lei é sempre de escuta e acolhimento. Jesus compreende o alcance

⁵¹ Cf. J. JEREMIAS, *As parábolas de Jesus*, 202.

⁵² *Ibidem*, 203.

⁵³ Cf. F. BOVON, *El Evangelio Según San Lucas*, 116.

daquela questão e responde-lhe com uma parábola para abrir novos horizontes de vida.

É provável que a parábola tenha inicialmente circulado nas comunidades cristãs isoladas e só depois tenha sido agregada ao diálogo com o doutor da Lei, ainda que antes da sua fixação por escrito⁵⁴. Na verdade, se nos versículos 27 e 29 a noção de próximo se refere ao que deve ser amado, no versículo 36 é a atitude de se “fazer próximo” que se torna o foco. Esta diferença na utilização da palavra não terá passado despercebida ao autor sagrado que opta por mantê-la e até colocar em destaque, mas o sentido da palavra independentemente da forma como a relação se estabelece, refere-se à proximidade que se estabelece entre duas pessoas.

A ação da parábola localiza-se no caminho de Jerusalém a Jericó, que tem aproximadamente 27 Km, com um desnível de 1000m. Era assim um caminho descendente que atravessava o deserto e implicava várias horas de caminho. Era também um percurso conhecido pela constante presença de ladrões e conseqüentemente bastante perigoso.

O v.30 vai introduzir a parábola, apresentando a sequência dos acontecimentos que deixam um homem meio-morto e abandonado naquele caminho. Não se diz muito em relação a ele, se é pecador ou justo. Ao não serem colocadas características, todas elas cabem naquele personagem. Este homem é abandonado e fica incapaz de pedir ajuda, já não é autossuficiente.

Um sacerdote e um levita ao passarem naquele local por coincidência, deparam-se com este homem meio-morto. Estas personagens pertencem ao contexto religioso, desempenhando um importante e reconhecido papel ao nível do culto. Ambos passam e seguem o seu caminho sem se deterem para prestar auxílio.

Em seguida, passa o samaritano, que expressa a sua compaixão pelo homem que encontra. Em vez de passar sem nada fazer, aproxima-se dele e atua no sentido de o auxiliar. O texto da parábola refere com pormenor os vários gestos deste samaritano (v.34-35). É no entanto de destacar que o samaritano apenas é capaz de ver a realidade daquele homem depois de “chegar perto”, ao fazer-se próximo.

⁵⁴ *Ibidem*, 117.

Importa abordar de forma mais pormenorizada esta sequência de personagens que passam por aquele quadro dramático e a diferença das suas atitudes. A atitude dos dois personagens que não se detêm para ajudar, é por vezes justificada com o facto de o auxílio ao homem ferido implicar posteriormente a realização de uma série de ritos de purificação que os impediria de chegar a tempo dos serviços que poderiam ter de realizar no templo. A informação de que o sacerdote “descia” (v.31) por aquele caminho permite, no entanto, supor que ele viria já de Jerusalém e regressava possivelmente a casa. Fica patente a incapacidade de ambos os personagens conjugarem o serviço a Deus e ao próximo, eles esquecem a misericórdia a que estavam também obrigados. A parábola refere que ambos “viram”, mas não foram capazes de ir ao encontro e estabelecer uma relação com o homem meio-morto. A finalidade da parábola não é, no entanto, criticar os sacerdotes e os levitas, mas na verdade é esta diferença de atitudes que surpreende principalmente pelo facto do auxílio chegar daquele de quem menos se espera.

Os samaritanos, tal como já foi referido, eram um grupo marginalizado, que não pertencendo à comunidade, não estavam sujeitos à obrigação de olhar para aquele homem meio-morto como seu “próximo”⁵⁵. Porém, é ele, que ao passar, se enche de compaixão, sendo que a palavra hebraica usada originalmente tem um significado ainda mais forte, que indicava “ventre materno e o carinho da mãe”⁵⁶, um sentimento de extrema profundidade, o samaritano comove-se até às “entranhas”.

A parábola refere que o samaritano cuidou daquele homem, tratou-o, transportou-o e deu-lhe albergue, passa depois o testemunho ao estalajadeiro, entregando-lhe dois denários. Indica que voltará a passar, estabelecendo assim um compromisso que se prolonga para o futuro. Torna-se assim o próximo daquele homem, entra em relação com ele sem colocar nenhum tipo de condição ou pré-requisito. Encontra-se nesta atitude, um amor ao qual não é colocado nenhum tipo de limite.

Se o doutor da Lei procurava na questão que colocou a Jesus descobrir quem era o seu

⁵⁵ J. RATZINGER - BENTO XVI, *Jesus de Nazaré*, 252.

⁵⁶ *Ibidem*, 253.

próximo, Jesus depois de narrar a parábola inverte a questão e questiona-o sobre quem se fez próximo (v.36), ou seja, quem é que se deixou tocar pela necessidade do outro e foi capaz de amar sem limites. O doutor da Lei responde, deixando claro o que é ser próximo: o “uso da misericórdia” para com todo o que encontro e que precisa da minha ajuda.

Por fim, Jesus desafia o doutor da lei a assumir a mesma atitude do samaritano, “Vai e faz tu também o mesmo” (v.37). Convida-o a olhar segundo uma nova perspetiva. Há uma evolução evidente da atitude do doutor de lei, que acaba por estabelecer uma relação com Jesus. Jesus ajuda-o a alcançar a resposta e dá-lhe um exemplo prático fazendo-se ele próprio próximo do doutor da Lei.

2. Jesus, “servo por amor”⁵⁷

Jesus apresenta-se também como aquele que veio para servir e não para ser servido (Mt 20, 28). Ele vem como servo, para que através d’Ele, Deus possa agir em benefício da humanidade⁵⁸. Olhando para a vida de Jesus percebemos que Ele se entrega totalmente, esvaziando-se de Si mesmo, tomando a condição de servo, tal como refere São Paulo (Cf. Fl 2, 6-7). O apóstolo convida-nos por isso a ter os mesmos sentimentos de Jesus, a sermos também nós servos, constituindo-nos assim seus representantes, para que através de nós, Jesus possa atuar no meio da humanidade. Termos os mesmos sentimentos de Jesus Cristo, deve conduzir-nos a uma entrega a Deus e aos outros como seus mediadores⁵⁹.

O gesto do lava-pés, descrito pormenorizadamente no Evangelho de São João (Jo 13, 1-15) é um exemplo paradigmático desta condição de servo que Jesus assume e que exprime a

⁵⁷ A. TEIXEIRA, *P@l@vras da Palavra*, Edição de autor, Lisboa, 2017, 37.

⁵⁸ Cf. A. OLIVEIRA, *Carta Pastoral: Eu vim para servir*, 14, Diocese de Viana do Castelo, Viana do Castelo, 2016.

⁵⁹ *Ibidem*, 15.

intensidade do Seu amor pelos discípulos de uma forma inesperada⁶⁰. Jesus “levantou-se da mesa, tirou o manto, tomou uma toalha e atou-a à cintura. Depois deitou água na bacia e começou a lavar os pés aos discípulos e a enxugá-los com a toalha que atara à cintura” (v. 4-5).

Tal como explica o Papa Francisco, esta era uma tarefa própria dos escravos⁶¹, mas Jesus inverte a situação e lava Ele mesmo os pés aos Seus discípulos. O ritual judaico previa que estas purificações fossem realizadas antes das refeições, havendo igualmente uma motivação prática motivada pelas poeiras dos caminhos que deixavam os pés sujos. Mas o Evangelho deixa claro que com este gesto de Jesus se trata de algo diferente, pois acontece “enquanto celebravam a ceia” (v. 3), já depois do momento em que se faziam as abluções rituais.

Pedro, porém, não quis permitir que Jesus assumisse essa posição. Para ele a condição de “Senhor” não era compatível com o serviço de lavar os pés, mas “Jesus explicou-lhe que era assim, que Ele veio ao mundo para servir, para nos servir, para se tornar nosso servo, para dar a vida por nós, para nos amar até ao fim”⁶².

Jesus, ao lavar os pés aos discípulos, mostra como a construção do Reino de Deus se traduz em gestos concretos. Estes devem tornar-se a norma na vida da comunidade dos seus seguidores, o cerne do amor deve ser o serviço. “O sentido deste gesto de Jesus está precisamente na intensidade do Seu amor que Ele deseja que se prolongue nos discípulos, na Igreja, que nasce e que vive da Páscoa”⁶³. Este desejo fica claro nas Suas palavras “Se Eu, que sou Mestre e Senhor, vos lavei os pés, também vós deveis lavar os pés uns aos outros. Dei-vos o exemplo, para que, assim como Eu fiz, vós façais também” (Cf. v.13-15).

Os apelos de Jesus a que os discípulos assumam esta atitude de serviço aos outros, não são exclusivos do Evangelho de São João. Quando no relato de São Lucas a ceia termina, os discípulos retomam a discussão na qual se questionavam sobre qual deles seria o “maior”. Jesus

⁶⁰ Cf. J. POLICARPO, *A Eucaristia e a Caridade - Homília da Missa da Ceia do Senhor*, Lisboa, 2004, disponível em www.patriarcado-lisboa.pt, acedido a 20.08.2017.

⁶¹ FRANCISCO, *Homília da Missa da Ceia do Senhor*, Vaticano, 2017, disponível em <http://w2.vatican.va/>, acedido a 20.08.2017.

⁶² *Ibidem*.

⁶³ J. POLICARPO, *A Eucaristia e a Caridade*.

deixa claro que na lógica do Reino de Deus aquele que exerce a autoridade, enquanto bem a prestar aos outros, deve colocar-se na posição de servo seguindo o seu exemplo “Eu estou no meio de vós como aquele que serve” (Lc 22, 24-27).

Bento XVI, citando Rudolf Schnackenburg, aponta duas possibilidades de interpretação desta perícope. Uma primeira, teologicamente mais profunda, interpreta o lava-pés como acontecimento que antevê a morte de Jesus, e uma segunda, mais paradigmática, que se limita a olhar o gesto de serviço que Jesus assume⁶⁴. Considera, no entanto, que estas duas realidades não podem ser separadas. O apelo para seguirmos o exemplo dado por Jesus, não é uma questão acessória; nasce precisamente da doação total de Jesus. Ao tornar-se dom para nós, as nossas ações configuram-se com as de Jesus; “o agir de Jesus torna-se nosso, porque é Ele mesmo quem age em nós”⁶⁵.

Importa ainda reparar em alguns detalhes simbólicos desta perícope do Evangelho, no sentido de perceber o seu possível significado. O gesto de retirar o manto e de colocar a toalha significa a doação da vida sob a forma de serviço⁶⁶. Reparamos que apesar de retomar o manto, Jesus mantém a toalha à cintura. Isto indica que a doação de Jesus não termina ali, mas continuará e culminará na cruz.

O Cardeal José Policarpo afirmava que o gesto do lava-pés protagonizado por Jesus chama-nos a uma atitude de humildade, de serviço e respeito pelo outro, que se concretiza no “serviço aos mais pobres: os doentes, os sem abrigo, os abandonados, os solitários”⁶⁷. Esta deve ser a marca identitária dos cristãos, a forma de se fazerem presentes no meio do mundo como discípulos de Jesus. É o amor ao outro, aprendido com Jesus, que nos identifica como cristãos “Por isto é que todos conhecerão que sois meus discípulos: se vos amardes uns aos outros” (Jo 1, 35). Torna-se por isso importante conhecer o mundo em que habitamos, as suas tristezas e

⁶⁴ J. RATZINGER - BENTO XVI, *Jesus de Nazaré: Da entrada em Jerusalém à Ressurreição*, Princípia, Cascais, 2011, 60.

⁶⁵ *Ibidem*.

⁶⁶ J. BORTOLINI, *Comentário à Liturgia Dominical*, 96.

⁶⁷ J. POLICARPO, *A Eucaristia e a Caridade*.

preocupações e combater o comodismo e indiferença que marca a atualidade. Aproximarmos do outro, fazermos-nos próximos, é necessário para descobrir quem é o nosso próximo⁶⁸.

3. Um mundo com sede de amor

O desafio de Jesus ao assumir de um modo de vida que se realiza no amor ao outro, não fica confinado ao grupo dos discípulos, ou aos primórdios do cristianismo; é um claro desafio aos cristãos da atualidade, que devem discernir quem são os seus próximos e quais as barreiras ao amor que eventualmente persistem em si.

Ao olhar o mundo à nossa volta e as várias situações dramáticas que tantos seres humanos, nossos “próximos” vivem no presente, facilmente se percebe a atualidade do Evangelho. O principal problema da atualidade é a falta de amor, de nos fazermos próximos uns dos outros, construindo uma verdadeira fraternidade humana. Tal como afirmava Santa Teresa de Calcutá:

“Atualmente a pior enfermidade do Ocidente não é a tuberculose ou a lepra, mas o não sentir-se amado e desejado, o sentir-se abandonado. A medicina pode curar as enfermidades do corpo, mas a solidão, a desesperança e a falta de perspectivas, só se podem curar com amor. Há muitas pessoas no mundo que morrem, porque não têm sequer um pedaço de pão, mas um número ainda maior morre por falta de amor”.⁶⁹

A resignação com que tomamos conhecimento de tantos dramas humanos que nos chegam através dos meios de comunicação social, são talvez sinal de um egoísmo coletivo alimentado pelo “mundo”, que nos desafia a buscar primeiro que tudo o nosso próprio bem-estar e a pôr de lado o risco e a insegurança. O Papa Francisco alerta os cristãos para o fenómeno da globalização da indiferença, afirmando: “hoje, esta atitude egoísta de indiferença atingiu

⁶⁸ Cf. M. CLEMENTE, *O Evangelho e a Vida*, 196.

⁶⁹ Sta. Teresa de Calcutá citada por V. PAGLIA, *De la compasión al compromiso*, 9.

uma dimensão mundial tal, que podemos falar de uma globalização da indiferença. Trata-se de um mal-estar que temos obrigação, como cristãos, de enfrentar”⁷⁰.

Quantas vezes, tal como o doutor da lei da parábola do “Bom Samaritano”, não colocamos limites ao amor e selecionamos os nossos “próximos” conforme nos apraz, por exemplo julgando quais os “pobres” que merecem ser ajudados e quais os que não precisam? Na verdade, todo o ser humano necessita de amor e, por isso, levantar muros de desconfiança, sejam eles físicos ou não, procurar o isolamento como defesa, é o oposto daquilo a que Jesus nos convida: “Faz-te próximo!”. Encerrarmo-nos em nós próprios e resignarmo-nos a viver num mundo sem compaixão também nos torna cúmplices de todas essas situações e deixa-nos mais sós⁷¹. Porém, para nos podermos tornar pessoas que amam, necessitamos de Deus, que se fez nosso próximo e do seu dom de amor⁷².

A falta de amor afeta todas as dimensões do ser humano, coloca a paz em perigo, deixa debilitada a nossa “casa comum”. Torna-se, por isso, necessário apresentar o amor como prioridade. Também no contexto da disciplina de Educação Moral e Religiosa Católica, é fundamental apresentar e propor o amor como via de construção de um mundo melhor e de procura do bem-comum. O tema do amor, tal como afirma Bento XVI, é precisamente o ponto culminante da parábola do “Bom Samaritano”⁷³, que pudemos analisar.

Também hoje existem caminhos perigosos como o de Jerusalém para Jericó, marcados pelo individualismo, onde encontramos tanta gente que precisa de ajuda e que aí permanece meia-morta a ver outros passar sem se deterem. Os bandidos da atualidade assumem o nome de guerra e de violência e são causadores de milhares de seres humanos sem esperança.

São também bandidos os traficantes de droga, que roubam o futuro a muitos homens e mulheres, os traficantes de seres humanos que organizam barcos de clandestinos que tantas vezes terminam o seu percurso numa tragédia. Por vezes corremos também o risco de sermos

⁷⁰ FRANCISCO, *Mensagem para a Quaresma 2015*, disponível em <https://w2.vatican.va>, acedido a 22.08.2017.

⁷¹ Cf. V. PAGLIA, *De la compasión al compromiso*, 13.

⁷² Cf. J. RATZINGER - BENTO XVI, *Jesus de Nazaré*, 258.

⁷³ *Ibidem*.

bandidos uns para os outros, mesmo sem agredir fisicamente usamos outras formas menos óbvias de magoar e abandonar.

Infelizmente não é difícil encontrar na atualidade quem possamos identificar com o homem meio-morto: são exemplo disso os idosos que vivem numa profunda solidão, por vezes em prédios com centenas de habitantes, sem que ninguém dê pela sua falta ou pelo seu sofrimento, mas também os sem-abrigo, doentes do foro psiquiátrico, vítimas de violência, refugiados, os que vivem sujeitos ao desespero da falta de sentido, entre tantos outros.

No início do milénio São João Paulo II traçava um retrato das necessidades da humanidade. Apontava como desafios para os cristãos as desigualdades sociais, os desequilíbrios ecológicos, as ameaças à paz e aos direitos humanos e as novas formas de pobreza que passam por vezes despercebidas⁷⁴. O lamento que apresentava há quase duas décadas mantém-se infelizmente aplicável à atualidade: “Como é possível que ainda haja, no nosso tempo, quem morra de fome, quem esteja condenado ao analfabetismo, quem viva privado dos cuidados médicos mais elementares, quem não tenha uma casa onde abrigar-se?”⁷⁵.

Em resposta a estas situações, são necessários corações que vejam e sejam capazes de se comover e ajudar quem deles precisa⁷⁶. Muitas vezes a atitude que assumimos é a de passarmos, sem nos determos, por tantos que deveríamos ajudar, tal como fez o sacerdote e o levita. Isto obriga a um questionar de comportamentos e atitudes, pois não é possível amar a Deus sem amar os irmãos. O samaritano, constitui um modelo do cumprimento da vontade de Deus. É a compaixão por ele apresentada, a capacidade de se comover com o que vê, que deve definir o coração do discípulo dos nossos dias. Ser cristão implica por isso um modo de vida coerente fundado num coração capaz de amar sem limites e de se fazer próximo. É necessária uma nova “fantasia da caridade” que se manifeste como partilha fraterna⁷⁷.

⁷⁴ Cf. JOÃO PAULO II, *Carta Apostólica: No início do Novo Milénio (Novo Millennio Ineunte)*, 50-51, Paulinas, Lisboa, 2001.

⁷⁵ *Ibidem*, 50.

⁷⁶ Cf. V. PAGLIA, *De la compasión al compromiso*, 43.

⁷⁷ JOÃO PAULO II, *Novo Millennio Ineunte*, 50.

Afirma Bento XVI que “o programa do cristão - o programa do Bom Samaritano, o programa de Jesus - é ‘um coração que vê’. Este coração vê onde há necessidade de amor e age de acordo com isso”⁷⁸. Cabe a cada um aceitar ou não este convite, na certeza que só o amor desinteressado pelo próximo conduz a uma vida verdadeiramente realizada.

4. Cristãos, Homens para os outros

Quando um cristão se coloca ao serviço do outro e da sociedade, tal como temos visto até aqui, fá-lo enquanto discípulo de Jesus. Não se trata de uma ação subjetiva, que fique confinada a meros objetivos pessoais, é antes uma ação fundada no Evangelho e no amor que assume como suas as necessidades do outro, gerando laços de comunhão. Servir o outro não é uma capacidade exclusiva dos cristãos, outras pessoas podem fazê-lo de formas muito válidas e com um impacto na sociedade tão ou mais significativo, porém, quando um cristão serve fá-lo em resposta ao amor de Deus por si. Sabe também que não está sozinho, pois está em comunhão com toda a Igreja. Apesar disso subsistem muitas vezes dúvidas sobre o “como agir?”. Para obter a resposta torna-se relevante olhar as indicações da Igreja, nomeadamente a Doutrina Social da Igreja e pensar em formas concretas de agir de um modo que seja transformador para o mundo que nos rodeia.

4.1. O contributo da Doutrina Social da Igreja

A intervenção dos cristãos na sociedade, deve inspirar-se no Evangelho, que se faz presente na Doutrina Social da Igreja (DSI). A DSI surge no século XIX, num panorama social marcado pela industrialização e pelo surgimento de um capitalismo poderoso que não tinha

⁷⁸ *Ibidem*, 31.

como prioridade a dignidade do ser humano. Muitos trabalhavam a troco de salários miseráveis e viam-se expropriados dos seus direitos. Era necessário agir social e politicamente contra este cenário de injustiça.

A encíclica *Rerum novarum*, do Papa Leão XIII, é considerada o documento fundador da DSI. Publicada em 1891, esta encíclica apontava os novos problemas sociais, tais como as condições a que os operários eram sujeitos e a situação de miséria em que viviam. A DSI foi ao longo dos anos recebendo outros contributos que a enriqueceram, mas importa não esquecer que o seu fundamento é o próprio Evangelho. Podemos encontrar na DSI os “princípios de reflexão, os critérios de julgamento e as diretrizes donde partir para promover um humanismo integral e solidário”⁷⁹. A sua elaboração visou essencialmente ajudar os cristãos na busca pelo bem comum.

Os princípios da DSI referem-se à realidade social no seu conjunto, sendo um parâmetro de referência para a interpretação dos fenómenos e que orienta o agir social⁸⁰. Tomando por exemplo o “princípio do bem comum”, este advoga que uma sociedade que “quer intencionalmente estar ao serviço do ser humano, é a que propõe como meta prioritária o bem comum, enquanto bem de todos os homens e do homem todo”⁸¹. Este princípio exige a promoção integral da pessoa e dos seus direitos o que se traduz no empenho pela paz, na salvaguarda do ambiente, na prestação dos serviços essenciais à pessoa que são igualmente os seus direitos tais como a alimentação, saúde, morada, entre outros⁸². A demanda pelo bem comum, implica a capacidade de procurar de forma constante o bem do outro como se fosse o seu próprio bem. Tal como afirma Bento XVI, “ama-se tanto mais eficazmente o próximo quanto mais se trabalha em prol de um bem comum que dê resposta também às suas necessidades reais”⁸³.

⁷⁹ PONTIFÍCIO CONSELHO “JUSTIÇA E PAZ”, *Compêndio da Doutrina Social da Igreja*, 7, Vaticano, 2004.

⁸⁰ *Ibidem*, 161.

⁸¹ *Ibidem*, 165.

⁸² *Ibidem*, 166.

⁸³ BENTO XVI, Carta Encíclica: *A Caridade na verdade (Caritas in Veritate)*, 7, Paulus, Lisboa, 2009.

Relativamente ao papel dos leigos na sociedade, a DSI destaca em primeiro lugar o serviço à pessoa humana, principalmente na promoção da sua dignidade. O cristão deve assumir uma atitude de serviço nos mais diversos âmbitos da vida social, inspirando a sua ação no Evangelho⁸⁴. “Para tornar a sociedade mais humana, mais digna da pessoa, é necessário revalorizar o amor na vida social — no plano político, económico, cultural —, fazendo dele a norma constante e suprema do agir”⁸⁵. Como afirma o Papa Francisco, o amor à sociedade e o compromisso pelo bem comum, são uma forma eminente de caridade, fundamental para a construção da “civilização do amor”⁸⁶.

No mundo atual persistem situações em que os direitos humanos são postos em causa, onde continua a ser necessário lutar pela dignidade humana e pela justiça. Principalmente os mais pobres, os que vivem nas “periferias” da sociedade, continuam a ser uma voz que chama pelo agir concreto dos cristãos.

4.2. O Serviço na vida da comunidade crente

O serviço é uma dimensão fundamental da vida em Igreja que deve ter implicações práticas no dia a dia das comunidades. Este serviço de amor fraterno que os cristãos e as comunidades são chamados a realizar, é sintetizado pela palavra “diaconia”⁸⁷. A diaconia é uma manifestação evidente do amor ao próximo, que surge como consequência do seguimento de Jesus Cristo. Ao percebermos que o amor de Jesus se estende a toda a humanidade, descobrimos também que “Ele quer servir-se de nós para chegar cada vez mais perto do Seu povo amado”⁸⁸.

A Igreja é assim, expressão da presença de Deus no meio do mundo, devendo por isso sentir-se impelida a fazer-se próxima de cada pessoa que sofre. Afirma o Papa Francisco que

⁸⁴ *Ibidem*, 551-555.

⁸⁵ *Ibidem*, 582.

⁸⁶ Cf. FRANCISCO, *Carta Encíclica “Louvado Sejas” (Laudato Si’)*, 231, Paulus, Lisboa, 2015.

⁸⁷ Cf. J.E. BORGES DE PINHO, “Comunhão Ecclesial e Diaconia”, *Communio* 2 (2001) 116.

⁸⁸ FRANCISCO, *Evangelii Gaudium*, 268.

“Jesus quer que toquemos a miséria humana, que toquemos a carne sofredora dos outros”⁸⁹. Isto implica quebrar as barreiras do medo e da insegurança que nos impedem, a nível pessoal ou comunitário, de ser próximos da vida concreta dos outros, de nos envolvermos de modo pessoal. Apesar das dificuldades que podem surgir, a experiência da diaconia enriquece sempre a vida de toda a comunidade.

As primeiras comunidades cristãs são um testemunho concreto de como a diaconia era um reflexo da própria comunhão interna que a comunidade experimentava, e um sinal identificativo do verdadeiro discipulado de Jesus. É por isso necessário reconhecer a importância e dar lugar à diaconia na vida da Igreja, enquanto presença do próprio Jesus, tal como afirma Borges de Pinho:

“A diaconia cristã manifesta o ser e a missão de Jesus, exprime o sentido do seu viver e do seu morrer. No amor que procura servir até ao fim traduz-se o traço mais profundo da sua existência como um radical ‘ser para os outros’, deixando transparecer a dedicação salvífica de Deus para com o homem.”⁹⁰

Não é por isso correto relegar esta dimensão para segundo plano ou apenas para a vida individual de cada cristão, pois é fundamental para a comunidade. De forma alguma se exclui a importância de todas as outras dimensões da vida da Igreja, nomeadamente a celebração da fé e o anúncio do Evangelho. No entanto é necessário reconhecer que o serviço ao próximo enquanto expressão de amor, é também uma forma privilegiada de encontro e de amor a Deus. A supressão desta dimensão na planificação pastoral da vida das comunidades cristãs é, por isso, uma barreira a que a comunidade seja verdadeira testemunha do amor de Deus para com a humanidade.

É necessário que o serviço e o amor se façam presentes na vida da Igreja e nas suas realizações. Todas as funções da Igreja existem em unidade, não fazendo sentido falar de uma Igreja que anuncia o Evangelho, mas exclui a diaconia ou a celebração da fé, pois todas são

⁸⁹ *Ibidem*, 270.

⁹⁰ J.E. BORGES DE PINHO, “Comunhão Ecclesial e Diaconia”, 119.

dimensões estruturantes da sua identidade ⁹¹, “A diaconia é autêntico anúncio do Evangelho, e o anúncio do Evangelho pela palavra e pela vida é diaconia”⁹²

É por isso urgente que os cristãos retomem esta dimensão fundamental da sua vivência de Igreja. Em muitas comunidades cristãs a missão da “diaconia” é de certo modo “transferida” para a ação dos Centro Sociais Paroquiais ou de outras instituições, que tranquilizam as consciências cristãs, mas onde os elementos da comunidade se abstêm de participar. Sendo reconhecida a importância da ação que estas instituições desenvolvem, esta não pode dispensar as comunidades de um envolvimento pessoal e concreto. A diaconia não se limita à importante oferta do apoio alimentar a famílias carenciadas, ou à intervenção junto das famílias refugiadas, é antes uma ação constante e persistente para que seja possível a construção de um mundo mais humano⁹³.

Todos os cristãos são chamados a assumir uma atitude “diacónica”, independentemente do papel que desempenham na comunidade. Não se trata de uma tarefa apenas destinada aos elementos do clero ou aos cristãos mais comprometidos. Espera-se de todos os leigos, um envolvimento consciente e responsável nesta missão da Igreja e nas mais diversas realidades do quotidiano: eclesiais, sociais, económicas ou políticas⁹⁴. Os leigos vivem o seu dia a dia inseridos nessas diferentes realidades, devendo tornar presente nos seus espaços quotidianos o amor cristão.

“Não é lícito a ninguém ficar inativo”⁹⁵, esta afirmação de São João Paulo II assume hoje um carácter de urgência perante tantas situações dramáticas que a humanidade vive. A afirmação do Concílio do Vaticano II, mantém hoje a sua atualidade, reafirmando que todas as realidades de alegria ou sofrimento, vividas pelos homens contemporâneos devem ser

⁹¹ *Ibidem*, 122.

⁹² *Ibidem*.

⁹³ *Ibidem*, 123.

⁹⁴ Cf. JOÃO PAULO II, *Exortação Apostólica: Vocação e Missão dos Leigos na Igreja e no mundo (Christifideles Laici)*, 3, Edições Paulistas, Lisboa, 1989.

⁹⁵ *Ibidem*.

partilhadas igualmente pelos discípulos de Cristo⁹⁶. A Igreja é chamada a servir o homem, em virtude da sua própria missão, da qual os leigos naturalmente participam, servindo “a pessoa e a sociedade”⁹⁷. Ao destacar o papel dos leigos não se pode de modo algum excluir os restantes membros da Igreja, sendo esta complementaridade uma riqueza fundamental

A realidade com que nos confrontamos diariamente, não deve ser um motivo de desânimo, deve antes ser um incentivo à criatividade da diaconia cristã⁹⁸. A pobreza nas suas mais diversas formas é efetivamente uma realidade crescente, e deve ser uma prioridade na ação caritativa da Igreja. O Papa Francisco afirma desejar uma “Igreja pobre para os pobres”, convidando os cristãos a descobrir Cristo nos pobres, fazendo-se próximos, escutando-os, compreendendo-os e acolhendo a “misteriosa sabedoria que Deus nos quer comunicar através deles”⁹⁹. Esta proximidade é fundamental para que os pobres possam olhar a comunidade cristã como aquela que é também a sua casa.

A comunidade cristã deve ser ainda uma escola de diaconia e comunhão, permitindo aos seus elementos experienciar de forma concreta esta realidade. A diaconia implica uma aprendizagem que a comunidade deve promover, capacitando humana e espiritualmente os seus elementos para assumirem um papel ativo de entrega, doação e atenção às necessidades do outro¹⁰⁰.

Isto exige da comunidade uma verdadeira coerência na sua ação pastoral. Para que possa ser escola, é necessário que ela própria viva o amor fraterno, traduzido no serviço a quem mais precisa. As portas da comunidade devem estar abertas aos que procuram nela o refúgio e apoio necessário para ultrapassar as situações de dificuldade com que se confrontam. Muitas vezes falta às comunidades a capacidade de acolher, não havendo sequer preparação dos seus elementos para que isso possa ser possível.

⁹⁶ Cf. CONCÍLIO ECUMÉNICO VATICANO II, *Constituição pastoral sobre a Igreja no mundo contemporâneo (Gaudium et Spes)*, 1, Editorial A.O., Braga, 1987.

⁹⁷ Cf. JOÃO PAULO II, *Christifideles Laici*, 36.

⁹⁸ Cf. J.E. BORGES DE PINHO, “Comunhão Ecclesial e Diaconia”, 125.

⁹⁹ FRANCISCO, *Evangelii Gaudium*, 265.

¹⁰⁰ J.E. BORGES DE PINHO, “Comunhão Ecclesial e Diaconia”, 127.

A EMRC tem também neste aspeto um papel fundamental, podendo assumir a PS, como estratégia fundamental da disciplina. Este modelo de ensino, como veremos no próximo capítulo, nasce precisamente da tradição das escolas cristãs, pretendendo vincular de modo estreito o serviço e a aprendizagem, partindo do programa da própria disciplina.

O Papa Francisco alerta ainda para a necessidade de lutar contra as tentações que nos afastam do serviço ao próximo. Refere que o cristão é chamado a servir de modo gratuito e total, seguindo o exemplo de Jesus que veio para servir e não para ser servido. O dom da fé recebido no batismo deve ser levado até ao serviço, caso contrário o cristão perde a força e a fecundidade, pois torna-se um cristão virado apenas para si próprio. Chama ainda à atenção para o perigo das tentações que afastam os cristãos do serviço, nomeadamente a preguiça que leva à comodidade¹⁰¹. A diaconia cristã revela a compreensão do mandamento do amor a Deus e ao próximo como núcleo essencial do Evangelho.

5. Exemplos de vidas para os outros

A Igreja oferece-nos modelos de vida, de mulheres e homens que foram verdadeiros discípulos de Jesus. Santos, que se fizeram próximos para descobrir o seu próximo. Tal como Jesus optaram por uma doação radical da sua vida, assumindo a vida dos outros como sua no sentido de os servir. São por isso um exemplo para nós, que nos deve animar a agir no mundo em que vivemos.

¹⁰¹ FRANCISCO, “Meditações Matutinas - Nenhuma preguiça”, *L'Osservatore Romano* - ed. Portuguesa 46 (2014).

5.1. Santa Teresa de Calcutá

Santa Teresa de Calcutá (Gonxha Agnes Bojaxhiu) nasceu em 1910, em Skopje. Desejando ser missionária, entrou na Congregação de Nossa Senhora do Loreto na Irlanda, em 1928, sendo enviada para a Índia no ano seguinte, onde durante aproximadamente vinte anos se dedicou ao ensino. Em 1946 sentiu-se chamada por Jesus a uma mudança, renunciando a tudo para servi-Lo nos “mais pobres dos pobres”.

A fundadora dos Missionários e Missionárias da Caridade, percorreu “um itinerário de amor e de serviço, que inverte qualquer lógica humana. Ser o servo de todos!”¹⁰². São João Paulo II referiu-se a Santa Teresa como um “Ícone do Bom Samaritano”, afirmando que “ela ia a toda a parte para servir Cristo nos mais pobres entre os pobres. Nem conflitos nem guerras conseguiam ser um impedimento para ela”¹⁰³.

Santa Teresa de Calcutá é assim recordada como exemplo de serviço à Igreja e ao Mundo. Fez-se sempre próxima, procurando nas mais distantes periferias aqueles que sofriam alguma forma de pobreza. Vivía o serviço aos mais pobres como um gesto de amor para com Jesus, recordando as Suas palavras “Sempre que fizestes isto a um destes Meus irmãos mais pequeninos, a Mim mesmo o fizestes” (Mt 25, 40).

Assumiu ainda um importante papel na defesa da vida humana em todas as suas fases “proclamando incessantemente que ‘quem ainda não nasceu é o mais fraco, o menor, o mais miserável’ ”¹⁰⁴. Quando morreu, em 1997, a Congregação das Missionárias da Caridade contava com 3842 religiosas, presentes em 120 países. Foi beatificada em 2003 por São João Paulo II e canonizada em 2016 pelo Papa Francisco.

¹⁰² JOÃO PAULO II, *Homília - Rito de Beatificação de Madre Teresa*, 2013 disponível em <http://w2.vatican.va/>, acedido a 27.08.2017.

¹⁰³ *Ibidem*.

¹⁰⁴ FRANCISCO, *Homília - Rito de Canonização da Beata Madre Teresa de Calcutá*, 2016, disponível em <http://w2.vatican.va/>, acedido a 27.08.2017.

5.2. São José de Veuster

São José de Veuster, mais conhecido como Damião de Molokai, nasceu na Bélgica no ano de 1840. Os seus pais tinham propriedades agrícolas e desejavam que o filho fosse uma ajuda no trabalho que desenvolviam. José, porém, sentiu-se chamado a integrar a Congregação dos Sagrados Corações de Jesus e Maria, onde recebe o nome de Damião e, aos vinte e três anos, deixou a sua terra e partiu como missionário para o Hawai. Aí fez a opção de ir para a Ilha de Molokai, local para onde o governo havaiano decidira deportar todos os leprosos, com o objetivo de travar a propagação da doença. Os leprosos ficavam nessa ilha, totalmente abandonados pela sociedade. São José de Veuster entregou-se assim ao seu serviço, dedicando-lhes os últimos dezasseis anos da sua vida. Acabou por contrair a mesma doença daqueles a quem servia, e da qual viria a falecer em 1889.

Afirmou o Papa Bento XVI no dia da canonização: “O servidor da Palavra tornou-se assim um servidor sofredor, leproso com os leprosos (...) Ele convida-nos a abrir os olhos sobre as lepras que desfiguram a humanidade dos nossos irmãos e interpelam ainda hoje, mais do que a nossa generosidade, a caridade da nossa presença servidora”¹⁰⁵. Foi beatificado em 1995 por São João Paulo II e canonizado em 2009 pelo Papa Bento XVI.

5.3. Pe. Américo Monteiro de Aguiar

O Pe. Américo Monteiro de Aguiar é considerado uma das principais figuras da Igreja Católica Portuguesa, do século XX. Distinguiu-se como educador, místico e principalmente pela prática concreta da caridade ao longo da sua vida¹⁰⁶.

¹⁰⁵ BENTO XVI, Homília - *Rito de Canonização do Beato José Damião de Veuster*, 2009, disponível em <http://w2.vatican.va/>, acedido a 27.08.2017.

¹⁰⁶ Cf. M. MENDES, *Instrumentum laboris* da Recolecção de Advento, dos Padres da Diocese do Porto, Porto, 2016, disponível em <http://www.obradarua.pt/> acedido a 29.12.2017.

Américo de Aguiar nasceu na freguesia de Galegos, concelho de Penafiel, no ano de 1887, no seio de uma família católica de lavradores. Viveu, durante a sua juventude, em Moçambique, para onde partiu em 1906. Aí desenvolveu uma carreira de sucesso na área comercial, da qual retirava um vasto rendimento que dividia com os mais pobres. É em Moçambique que inicia também um processo de discernimento vocacional, com o acompanhamento do padre franciscano Rafael da Assunção. Aos trinta e cinco anos, estando em Portugal, opta por não regressar a África e ingressa no convento franciscano de Vilariño de la Ramallosa. Acaba por ser aconselhado a sair menos de dois anos depois, por não se enquadrar na vida monástica, mas sendo reconhecido pela sua “grandeza na caridade”. Ingressa ainda no mesmo ano no Seminário Episcopal de Coimbra, onde fez a sua formação em Filosofia e Teologia. Também aí, tanto colegas como professores, reconheciam e destacavam a sua “caridade e o amor à Eucaristia e à oração”¹⁰⁷. Destacou-se também pelo seu talento para a escrita. Usava o pseudónimo Frei Junípero, que remetia para a sua ligação passada aos Franciscanos. Recebeu a Ordem de Presbítero em 1929, já com quarenta e um anos, sendo inicialmente nomeado prefeito e professor de português no seminário.

Na sua ação caritativa junto dos mais pobres, doentes e reclusos, era considerado imprudente e indesejável pela sua forma de atuar. O Pe. Américo não se limitava a olhar de longe as pessoas; fazia-se próximo, implicando-se pessoalmente no cuidado e atenção que dispensava a cada um. O bispo diocesano, recebia e ignorava diversos pedidos para que o Pe. Américo fosse retirado destas suas funções, chegando o ministro da justiça a ordenar a sua retirada do serviço ao Patronato das Prisões, devido às suas “inconveniências”. Pela sua intervenção na sociedade, o Pe. Américo foi muitas vezes dado como louco, chegando a ser agredido e ameaçado¹⁰⁸.

Ao ser afastado daqueles a quem se dedicava, acaba por direcionar a sua ação em favor das crianças da rua. Começa por promover as “Colónias de Campo do Garoto da Baixa”, na

¹⁰⁷ *Ibidem.*

¹⁰⁸ *Ibidem.*

cidade de Coimbra. Nasce assim a “Obra da Rua”. Em janeiro de 1940, o Pe. Américo funda a Casa de Repouso do Gaiato Pobre, em Miranda do Corvo, destinada a acolher crianças abandonadas e sem família, ou aquelas de quem as famílias não conseguiam cuidar. A Obra da Rua foi crescendo progressivamente para dar resposta a esta missão, sendo abertas várias outras casas, não só em Portugal continental mas também em Angola e Moçambique. O Pe. Américo, faleceu no dia 16 de julho de 1956, na sequência de um acidente de automóvel de que foi vítima. A causa de beatificação foi introduzida em 1986, por D. Júlio Rebimbas, bispo do Porto, a pedido da Obra da Rua, estando o processo a percorrer deste então as suas diferentes fases.

O Pe. Américo soube discernir os “sinais dos tempos”, que o II Concílio do Vaticano viria a sublinhar anos depois da sua morte, como sinais e apelos de Deus, que a Igreja deve acolher para melhor realizar a sua ação no mundo em favor da humanidade¹⁰⁹. Ao longo da sua vida, no meio de incompreensões vindas da própria Igreja, não desistiu de procurar a vontade de Deus seguindo e vivendo o Evangelho.

Na sua vida de sacerdote, o Pe. Américo assumiu a opção pelos mais pobres, entendendo que evangelizar é primeiramente promover as pessoas e apoiar o seu desenvolvimento¹¹⁰. Com a sua ação tornou o amor de Deus visível para tantos que com ele se cruzaram. As palavras do Pe. Américo são talvez a melhor forma de tocar a sua realidade:

“Nós somos todos feitos de amor, para amar. Cada um de nós é um milagre de amor, do Amor infinito de Deus; e uma vez dentro da vida, temos de a realizar... amando. (...) Porque somos essencialmente feitos para amar, como os passarinhos o são para o firmamento e as abelhas para o mel. (...) Todo o valor moral da nossa vida gira à roda deste verbo pequenino e imenso, o verbo amar, no infinito... infinitamente”¹¹¹.

¹⁰⁹ D. ANTÓNIO MARCELINO, *Padre Américo: precursor do II Concílio do Vaticano : a sua leitura dos sinais do tempo*, Edições Alforria - Tenacitas, Coimbra, 2016.

¹¹⁰ *Ibidem*.

¹¹¹ A. AGUIAR, *Pão dos Pobres*, 1º Vol, 60-61.

CAPÍTULO III – PEDAGOGIA DO SERVIÇO

No capítulo anterior realizei uma abordagem à temática do serviço, centrada na pessoa de Jesus Cristo. Tal como foi referido, o Evangelho permite-nos conhecer os gestos de Jesus e a forma como Ele se fazia próximo daqueles que consigo se cruzavam. É possível afirmar que a pedagogia de Jesus se centrava no exemplo dado através das Suas ações, que os discípulos podiam testemunhar. Enquanto iam acompanhando Jesus, ia-lhes sendo transmitida de uma forma prática a mensagem do Evangelho. Do mesmo modo que Jesus desafiou os discípulos a tomar o serviço ao próximo como prioridade nas suas vidas, hoje convida-nos a assumir essa atitude no nosso quotidiano. Trata-se de uma forma privilegiada de encontro com Deus, que também se revela aos homens através do serviço ao próximo.

Deparamo-nos assim com uma proposta exigente que se estende igualmente aos alunos de EMRC. A disciplina não se pode demitir de propor este modo cristão de olhar e viver a vida. Deve apresentar uma proposta concreta que leve os alunos a assumirem o bem comum e o cuidado ao outro como prioridade, implementando na escola o já referido “critério de solidariedade”. Considero, no entanto, ser possível alargar este objetivo a todo o percurso educativo dos alunos, através da utilização de uma metodologia que conjugue devidamente a aprendizagem e o serviço.

Neste contexto é interessante revisitar os textos do Concílio Vaticano II, e perceber como através da declaração *Gravissimum Educationis*, é colocada precisamente em destaque a importância da educação na vida do homem e a de cada pessoa assumir um papel ativo na sociedade ¹¹². Esta declaração afirma a educação como um direito universal do ser humano, que deve visar o desenvolvimento físico, moral e intelectual de cada indivíduo. Cada pessoa deve ser levada à aquisição de um sentido de responsabilidade pela própria vida, sendo igualmente preparada para assumir o seu papel na vida social, inserindo-se na comunidade humana e

¹¹² Cf. CONCÍLIO ECUMÉNICO VATICANO II, *Declaração Gravissimum educationis: sobre a educação cristã*, Editorial A.O., Braga, 1987.

abrindo-se ao diálogo com o outro, esforçando-se de boa vontade por cooperar no bem comum¹¹³.

Muitas escolas, no sentido de promover a consciência cívica dos seus alunos, desenvolvem já diversos projetos de voluntariado, propondo atividades que levam os alunos a dar o seu contributo a instituições de solidariedade social, a dedicarem algum do seu tempo à defesa do ambiente, entre outros exemplos que contemplam a dimensão do serviço. Estas atividades surgem pontualmente como algo externo à dinâmica habitual da escola, constituindo por vezes uma dificuldade, na medida em que retiram tempo à lecionação das disciplinas.

A metodologia que irei apresentar e propor neste capítulo, designada por Pedagogia do Serviço, tem como característica principal a integração da dimensão do serviço ao outro com os conteúdos programáticos das disciplinas, num método pedagógico que vincula estas duas realidades. Apesar de não ser de aplicação comum no contexto educativo Português, países como é o caso dos Estados Unidos da América ou da Espanha, têm vindo a desenvolver projetos que visam a integração desta proposta no sistema educativo nacional. É exemplo disso o trabalho desenvolvido pelo Ministério da Educação e Ciência Espanhol, tendo em vista a implementação de práticas concretas de aprendizagem a partir do serviço que se possam adaptar às diferentes realidades educativas do país ¹¹⁴.

Importa assinalar que a PS é referenciada na maioria das fontes com uma designação distinta da que é utilizada neste trabalho. A designação mais comum é “aprendizagem-serviço”, derivada da designação anglófona “Service-Learning”, ou seja, uma nomenclatura que combina as duas dimensões fundamentais desta proposta educativa. No entanto a designação de “pedagogia do serviço”, parece-me ser mais eficaz, na medida em que não remete exclusivamente para a aprendizagem, mas para o conjunto de dinamismos psicopedagógicos

¹¹³ *Ibidem*, 1.

¹¹⁴ Cf. J.M. PUIG; R. BATLLE; C. BOSCH; J. PALOS, *Aprendizaje servicio: Educar para la ciudadanía*, Ediciones Octaedro, Barcelona, 2007, 5.

através dos quais o aluno irá desenvolver a aprendizagem por meio do serviço, de entre os quais se destaca, por exemplo, a reflexão crítica.

No decorrer do capítulo irei apresentar os principais aspetos relativos à PS, nomeadamente a sua origem, definição e as vantagens que apresenta para todos os envolvidos: alunos, professores, escola e comunidade. Irei também abordar o método propriamente dito, as suas diferentes fases e formas de aplicação de modo particular no contexto da educação formal. Espero assim dar a conhecer a PS e despertar noutros o interesse por esta metodologia, levando-os a experimentar em contextos reais os seus benefícios, contribuindo assim para o desenvolvimento integral dos alunos e para o bem da comunidade.

1. Em que consiste a Pedagogia do Serviço?

A PS caracteriza-se globalmente como sendo uma proposta educativa inovadora que integra num projeto único, o serviço à comunidade e a aprendizagem. Sendo inovadora é, no entanto, constituída por diversos elementos reconhecíveis por serem de prática comum. São disso exemplo a transmissão de conhecimentos, capacidades e valores que ocorre nas escolas e noutras instituições de educação não formal e as atividades de voluntariado que essas mesmas entidades promovem. A novidade não reside assim nos elementos que constituem a PS, mas no facto destes serem conjugados e implicados numa única proposta educativa, bem estruturada e sistematizada. Há na PS uma vinculação estreita entre o trabalho voluntário na comunidade e a aprendizagem escolar.

No sentido de alcançar uma melhor compreensão sobre esta proposta, importa olhar para a sua origem e para o processo de evolução e expansão que foi acontecendo ao longo do tempo. No mesmo sentido, serão focadas diferentes definições existentes, que apresentam perspetivas distintas sobre a PS. Não se pretende com isto selecionar a melhor definição, mas mostrar a diversidade de perspetivas existentes sobre a PS e partindo daí compreender em que consiste.

1.1. A origem da Pedagogia do Serviço

Para compreender a PS e a sua definição, é importante em primeiro lugar recuar até à sua origem, ainda que de uma forma sumária. A origem da PS remonta ao início do século XX, quando surgem os seus primeiros antecedentes nos Estados Unidos da América. A existência de uma sociedade civil disposta e capaz de intervir na sociedade, quer a nível político como a nível social, cria uma predisposição para a implementação e desenvolvimento da PS. O pedagogo John Dewey e o psicólogo William James, entre outros, lideraram uma corrente educativa designada por “educação progressiva”, que entre outros aspetos privilegiava a aprendizagem através da experiência e o desenvolvimento do sentido de comunidade. Com base nesta corrente nascem desde logo, em contexto escolar, experiências pioneiras de serviço comunitário. No Antioch College, uma escola cristã do Estado do Ohio, é criado em 1921 um programa de serviço comunitário, que pode ser considerado um dos primeiros exemplos de aplicação da PS.

Nas últimas décadas do século XX, a PS passa por um processo de maior desenvolvimento e expansão, tanto nos Estados Unidos da América como em alguns países da América Latina, nomeadamente na Argentina, no Chile e no Uruguai. Pretendia-se com a PS promover um maior envolvimento dos alunos com a sociedade, de modo a combater uma tendência individualista que se instalara e assim tornar a educação algo de significativo para os alunos. A perceção das inúmeras vantagens que a vinculação da aprendizagem com o serviço oferecia a todos os envolvidos, facilitou a sua aceitação e expansão.

Na Europa, os exemplos de implementação da PS são praticamente inexistentes até ao início do século XXI. Começam então a surgir alguns grupos que se dedicam à promoção da PS, como por exemplo o Centro Promotor de aprendizagem-serviço, em Barcelona. Surgem igualmente conferências internacionais sobre a temática e várias publicações, que visaram a apresentação da proposta educativa e promoção da sua implementação. Em Portugal, não sendo conhecidos exemplos concretos de implementação da PS, no âmbito da educação formal,

destaca-se a abordagem ao tema realizada no contexto da formação de professores de EMRC da Universidade Católica Portuguesa. No campo das instituições de educação não formal, na Associação de Escoteiros de Portugal ou no Corpo Nacional de Escutas, embora possuam uma metodologia própria, é possível identificar alguma proximidade com esta proposta.

1.2. Definição(ões)

No que concerne à obtenção de uma definição formal da PS, deparamo-nos com um problema comum a tantos outros temas, que consiste na impossibilidade de obter uma definição que seja consensual. Como consequência desta dificuldade, surgem variadas definições formais de PS.

Algumas definições focam apenas as suas características básicas, nomeadamente a vinculação entre aprendizagem e serviço. Apesar de terem uma boa aceitação, são insuficientes na abordagem que fazem e não cumprem plenamente a função de esclarecer quem procura informações sobre a PS.

Existem outros tipos de definições que arriscam fazer uma abordagem mais abrangente, apontando por exemplo a lista de características que distingue a PS de outras propostas educativas. Outras dão destaque a aspetos particulares, apresentando a PS como um programa de ação sobre a comunidade, evidenciando principalmente o processo prático de realização do serviço; como filosofia, pondo em relevo as grandes finalidades e o sentido último da PS; ou então como pedagogia, salientando os dinamismos psicopedagógicos envolvidos.

Considero que as definições apresentadas em seguida, cumprem o seu papel de esclarecer de um modo sintético em que consiste a PS. Cathryn Kaye, define a PS como um “método de ensino baseado em pesquisa, onde a aprendizagem se desenvolve através de ações dirigidas às necessidades concretas da comunidade, num processo que permite a iniciativa dos alunos e oferece um tempo estruturado para reflexão sobre a experiência do serviço e também para a

demonstração das capacidades e conhecimentos adquiridos”¹¹⁵.

Puig et al.¹¹⁶, citando J. Eyler, evidenciam a dimensão pedagógica, afirmando que a PS se constitui como uma forma de educação baseada na experiência em que a aprendizagem se produz através de um ciclo de ação e reflexão. Os alunos são chamados a trabalhar com os seus pares num processo de aplicação do que aprenderam aos problemas da comunidade. Simultaneamente refletem sobre a sua experiência de procurar alcançar objetivos reais para a comunidade e desenvolver as suas capacidades. Há assim um desenvolvimento integral das suas múltiplas dimensões humanas e da sua responsabilidade cívica e social.

De modo a possibilitar uma melhor compreensão sobre a PS, considero relevante sistematizar as principais características que a definem, não esquecendo o lugar central que ocupa a vinculação entre a aprendizagem e as atividades de serviço desenvolvidas.

1.3. Principais características da Pedagogia do Serviço

Puig et al., apresentam aquelas que consideram ser as características mais significativas da PS e que permitem alcançar uma imagem clara sobre esta proposta educativa¹¹⁷. Com base nesse elenco, apresento em seguida uma síntese, tendo em conta algumas especificidades da realidade portuguesa:

- A PS é uma proposta aplicável a contextos educativos formais e não formais, a diferentes faixas etárias e níveis de ensino. No que concerne à educação formal pode ser integrada na planificação de uma disciplina ou então noutra realidade que a escola considere adequada. Na medida em que é uma proposta que contribui para a “promoção integral dos alunos” e de acordo

¹¹⁵ Cf. C. BERGER KAYE, *The Complete Guide to Service Learning*, Free Spirit Publishing, Minneapolis, 2010.

¹¹⁶ Cf. J.M. PUIG; R. BATLLE; C. BOSCH; J. PALOS, *Aprendizaje servicio: Educar para la ciudadanía*, 19.

¹¹⁷ *Ibidem*, 20-22.

com as normas legais existentes¹¹⁸, poderá até constituir-se como fundamento pedagógico de uma disciplina específica de oferta complementar, que envolva diferentes professores e conteúdos disciplinares. No contexto da educação não formal, integrar-se-á nos espaços e momentos próprios das diferentes instituições e grupos, como por exemplo: encontros regulares dos grupos, acampamentos, campos de férias, entre outras possibilidades.

- Esta proposta contempla o serviço como resposta a necessidades reais e concretas da sociedade. De modo a identificar estas necessidades, é necessário desenvolver um processo de interação com a comunidade e com o meio envolvente, o que implica uma abertura ao outro. O serviço constitui-se como uma possibilidade de trabalhar com os alunos a dimensão da responsabilidade cívica, tornando evidente uma dinâmica de colaboração entre as partes, em que se dá e recebe algo de significativo. Esta dinâmica requer a realização de um trabalho em rede entre a escola ou a instituição de educação não formal, e as instituições da comunidade. O serviço pode concretizar-se de diversas formas, seja num projeto desenvolvido em parceria com uma instituição de solidariedade, numa ação de proteção da natureza, no desenvolvimento de uma campanha de sensibilização para algum tema específico, entre muitas outras hipóteses. As tipologias de serviço possíveis, será um dos temas a abordar adiante. Importa destacar que no decorrer da ação de serviço os alunos aplicam os conhecimentos previamente adquiridos e através da experiência realizada desenvolvem novas questões, que darão lugar a novas aprendizagens.

- A PS “desenvolve processos conscientes, planificados e sistemáticos de ensino e aprendizagem que relacionam as tarefas de serviço com conteúdos e competências relevantes para a vida”¹¹⁹. Neste âmbito a aprendizagem mantém uma intencionalidade educativa clara, que se relaciona com a aquisição de conhecimentos, capacidades, comportamentos e valores. Como foi dito anteriormente, a aprendizagem e o serviço, apesar de se tratarem de elementos

¹¹⁸ Decreto Lei no 139/2012, art. 12, de 5 de Julho do Ministério da Educação e Ciência. Diário da República, 1.ª série, n.º 129, 2012, disponível em www.dre.pt, acedido a 24.10.2017.

¹¹⁹ J.M. PUIG; R. BATLLE; C. BOSCH; J. PALOS, *Aprendizaje servicio: Educar para la ciudadanía*, 19

conhecidos, na PS surgem vinculados, potenciando-se mutuamente. No âmbito da educação formal, cada disciplina do currículo deve contribuir assim com os seus conteúdos específicos, que se vão constituir como ferramentas a aplicar na ação de serviço, em resposta aos problemas identificados. A meta consiste em aprofundar a aprendizagem sem nunca comprometer o rigor académico. O mesmo acontece na educação não formal, com os conteúdos e competências próprios da instituição onde decorre.

As possibilidades de aprendizagem que a PS oferece são muito diversas, tornando-a assim uma proposta muito enriquecedora. Para além do que já foi referido relativamente à aprendizagem, verifica-se igualmente o desenvolvimento do pensamento crítico, da responsabilidade cívica e da capacidade de abertura e relação com o outro. A PS promove também as dimensões da experiência na relação com a realidade, da participação ativa dos intervenientes, da cooperação, a aquisição de valores, a reflexão, entre outros. Assumir a implementação da PS, seja em contexto formal como não formal, é um desafio para o educador, de quem se exige mais do que a simples transmissão de conteúdos.

1.4. Elementos distintivos da Pedagogia do Serviço

No âmbito das “pedagogias da experiência”, a PS assume características particulares que a distinguem das outras. São exemplos de pedagogias da experiência os programas de voluntariado, os trabalhos de campo ou laboratório, trabalhos desenvolvidos através de projetos, entre outros exemplos. Todas estas realidades contemplam de algum modo a dimensão da experiência, ou seja, o estabelecimento de uma relação direta dos alunos com a realidade estudada. O aluno é levado a agir sobre a realidade que está a estudar, resultando daí um

1.5. As noções de comunidade e serviço

Os conceitos de comunidade e serviço são fundamentais no âmbito da PS, na medida em que cada um deles se pode referir a realidades bastantes diversas. Segundo Cathryn Kaye, o significado de serviço no âmbito da proposta educativa de PS deve ser entendido como a implementação de um plano que é elaborado e pensado pelos alunos e que irá combinar as aprendizagens realizadas em sala de aula com o conhecimento de uma necessidade real da comunidade.

A noção de comunidade é também influenciada pelo projeto que é elaborado, podendo ser entendida de diferentes modos. Pode ser constituída pela própria comunidade escolar ou institucional, na sua componente humana ou de espaço físico; pela zona de proximidade, respetiva população ou instituições que aí se localizem, ou até pelas famílias dos intervenientes. Pode também ser constituída por uma realidade mais distante, como por exemplo um determinado local atingido por incêndios que é necessário reflorestar ou por um grupo de pessoas refugiadas, mesmo que este não esteja fisicamente próximo. A “comunidade” é também algo que se gera através da interação e da relação estabelecida entre os alunos e outras pessoas, locais e organizações envolvidas. A noção de comunidade vai-se tornando mais clara para todos os envolvidos com o decorrer do tempo e desenvolvimento dos projetos.

O tipo de necessidade que está na base do desenvolvimento do projeto também pode ser bastante variável. Podemos encontrar na comunidade uma necessidade que requer uma intervenção urgente, como por exemplo a intervenção de limpeza numa praia depois de um desastre ambiental, ou então poderá ser um problema que requer uma intervenção mais prolongada, como pode ser o caso de uma recolha de histórias tradicionais junto de uma comunidade sénior de um centro de dia. Independentemente do tipo de serviço, este envolve os alunos na defesa do bem comum e desperta em si uma maior atenção pelo cuidado do outro, ao mesmo tempo que permite e facilita a realização de aprendizagens.

Uma vez que o serviço pode assumir diferentes configurações, torna-se útil indicar

algumas tipologias diferentes, variáveis nas suas características. No momento de planear o projeto importa perceber qual o tipo de serviço que se adapta melhor às características do grupo que vai implementar a ação e às necessidades da comunidade. Cathryn Kaye propõe quatro categorias distintas: serviço indireto, serviço direto, serviço de defesa de causas e serviço de pesquisa¹²¹.

O serviço indireto inclui os projetos em que os alunos não estabelecem uma relação próxima com as pessoas ou grupos que beneficiam da sua ação. Nesta categoria pode estar por exemplo o desenvolvimento de uma campanha de angariação de material escolar para um país em vias de desenvolvimento ou a colaboração com uma organização que está a recolher roupas para as famílias vítimas dos incêndios. Os alunos que se envolvem nestes projetos desenvolvem a sua capacidade de trabalhar em equipa, compreendem a importância da cooperação e cabe também ao professor garantir o estabelecimento de pontes com os conteúdos académicos que devem ser trabalhados.

O serviço direto é aquele que implica uma interação do aluno com a pessoa, grupo ou ambiente que beneficia da ação. O aluno vai desenvolver a capacidade de se relacionar com alguém concreto que é diferente de si e vai empenhar-se na resolução dos problemas identificados. Numa sociedade com tantas marcas individualistas, este tipo de ação é claramente promotora de uma maior abertura ao outro, que pode ser transformadora da própria sociedade. Neste caso há a necessidade de ser literalmente próximo e de acompanhar aquele que beneficia da ação de serviço.

Na categoria de serviço de defesa de causas estão incluídas as ações que visam alertar e despertar a consciência da comunidade para algum tema concreto. Pretende-se com este tipo de projetos dar voz a algum tema ou grupo que não o consegue fazer por si próprio, através de conferências públicas, cartas abertas ou apresentações artísticas. Podem ser exemplos o alerta para a destruição de recursos naturais, para a problemática da solidão da população sénior, entre

¹²¹ Cf. C. BERGER KAYE, *The Complete Guide to Service Learning*, Free Spirit Publishing, Minneapolis, 2010, 10-11.

outras possibilidades. Os alunos podem assim desenvolver capacidades de intervenção cívica concreta, percebendo melhor como funciona a sociedade e as suas estruturas.

O serviço baseado na pesquisa refere-se aos tipos de projetos em que os alunos têm como objetivo procurar informações que são de interesse geral para a comunidade. Podem realizar entrevistas, desenvolver questionários ou fazer observação no sentido de obter algum tipo de resposta relevante que a comunidade necessite. Podem, por exemplo, estar relacionados com a necessidade de descobrir o impacto da comunidade escolar sobre o ambiente, com base no conhecimento dos seus comportamentos ou identificar comportamentos que podem pôr a saúde das pessoas em risco. Deste modo os alunos vão aprender formas de obter os dados de que necessitam, a analisar os dados obtidos e a tirar conclusões que possam depois apresentar.

Todos os tipos de serviço referidos revelam inúmeras vantagens para ambas as partes envolvidas, alunos e comunidade. Pode facilmente acontecer que o desenvolvimento de um tipo de projeto vá desencadear outro, pela identificação de uma nova necessidade. O desenvolvimento dos projetos é sempre um fator de enriquecimento curricular, pela riqueza de novas aprendizagens que esta metodologia possibilita. No entanto, as tipologias de serviço que implicam um contacto mais próximo com a comunidade, como é o caso do serviço direto, são aquelas que segundo os estudos realizados oferecem maiores ganhos para os vários intervenientes.

2. Benefícios da Pedagogia do Serviço

Depois de conhecer a PS, importa questionar se esta metodologia oferece efetivamente benefícios que justifiquem a sua implementação. Pretendo por isso fazer esta análise na perspetiva dos diferentes intervenientes: alunos, professores, pais, escola e comunidade; individualizando os benefícios que poderão surgir para cada um deles.

De um modo geral, em qualquer instituição educacional, a PS apresenta como principal

mais valia a contribuição que oferece para o cumprimento dos objetivos pedagógicos. A aprendizagem “é enriquecida com a possibilidade de uma aplicação concreta, tornando-se mais significativa e contextualizada e, conseqüentemente mais motivadora para os alunos”¹²².

Os alunos constituem o centro da PS, são eles os principais destinatários de todo o processo, quer estejamos num contexto formal ou não formal. São os alunos que obtêm assim os benefícios mais significativos. É possível identificar benefícios a nível académico, social e emocional. Desenvolvem também as suas capacidades, responsabilidade cívica e tornam-se mais ativos e envolvidos na comunidade. Têm igualmente a oportunidade de explorar futuras opções de carreira. Todo o processo de aprendizagem ganha um maior significado para os alunos, na medida em que eles passam a estar mais envolvidos. A questão tantas vezes repetida “Para que me serve estar a aprender isto?”, deixa de surgir, pois a resposta torna-se evidente.

Os professores são igualmente beneficiados. Os que optam por implementar a PS, passam a sentir-se mais motivados e realizados profissionalmente¹²³. Verifica-se que a adesão à metodologia por parte dos professores é maior após a experiência de implementação¹²⁴, o que revela que os benefícios são efetivamente identificados. Os professores comprovam que a escola e a aprendizagem passam a ser mais relevantes para os seus alunos e que estes desenvolvem novas capacidades até então “adormecidas”. Entre os professores passa a existir uma maior colaboração que se estende também aos parceiros da comunidade, que concorre para o objetivo único de tornar a experiência de PS verdadeiramente significativa.

As direções das escolas, ou equipas coordenadoras de uma instituição que se envolvem na PS, descobrem um aumento da motivação no corpo docente e também nos alunos. Passa existir uma maior predisposição para o trabalho, as relações interpessoais melhoram, são postas em prática estratégias inovadoras com maior frequência, as pessoas adquirem uma maior abertura à crítica, entre outros aspetos relevantes para quem dirige uma escola¹²⁵. Com a

¹²² EQUIPO KAINÓS, *Aprendizaje-Servicio*, Ágape - Editorial Edelvives, 2015

¹²³ Cf. C. BERGER KAYE, *The Complete Guide to Service Learning*, 2.

¹²⁴ Cf. J.M. PUIG; R. BATLLE; C. BOSCH; J. PALOS, *Aprendizaje servicio: Educar para la ciudadanía*, 26.

¹²⁵ Ibidem, 27.

implementação da PS, a imagem que a comunidade tem da escola torna-se mais positiva, passando a existir um maior reconhecimento do papel da escola, que se pode traduzir numa melhor relação entre todas as partes.

Os pais dos alunos podem também ser envolvidos na PS, colaborando em algumas fases do desenvolvimento do projeto. Poderá ser uma forma de em família encontrarem novos temas de diálogo com os filhos, através da partilha e reflexão que estes podem fazer sobre as experiências realizadas, onde possuem o papel de protagonistas.

A comunidade e as diferentes instituições que dela fazem parte são beneficiadas principalmente na medida em que recebem uma ajuda concreta para a resolução de um problema que possuem. Havendo interação entre as partes, constitui-se um espaço de aprendizagem recíproca. As instituições tornam-se também mais visíveis, tendo oportunidade de dar a conhecer o trabalho que realizam.

Em suma é possível constatar que todos os intervenientes na PS são beneficiados, podendo haver um maior ganho na medida em que se realize um trabalho conjunto, tendo em vista os objetivos comuns.

3. Etapas da Pedagogia do Serviço

A realização de um projeto de PS, é um processo que deve ser bem estruturado e sistematizado. Implica por isso uma sequência de etapas, em que cada uma pode ser entendida como traços de um desenho feito numa folha de acetato, que se vai sobrepondo a outras, revelando por fim o quadro final. A metodologia proposta por Cathryn Kaye¹²⁶, apresenta uma sequência de cinco etapas. Estas relacionam-se de forma interdependente e são essenciais, segundo a autora, para o sucesso dos projetos desenvolvidos. São elas: investigação, preparação

¹²⁶ Cf. C. BERGER KAYE, *The Complete Guide to Service Learning*, 16-18.

e planeamento, ação, reflexão e por fim a demonstração. Apesar de estarem interligadas e poderem até ocorrer de modo simultâneo, importa analisar e compreender cada uma de modo individualizado. Nesta abordagem, é dado destaque ao contexto da educação formal, podendo, no entanto, fazer-se facilmente a sua transposição para o contexto da educação não formal.

3.1. Investigação

A investigação constitui-se como primeira etapa e ponto de partida da PS. Importa nesta fase perceber quais os recursos de que se dispõe para iniciar o projeto. A identificação de recursos deve começar dentro do grupo de alunos, que ao olhar para si próprio é chamado a identificar os seus interesses, capacidades e talentos e também os dos seus parceiros. Este exercício poderá resultar numa lista em continua construção, que vai sendo utilizada e aumentada com o contributo de todos, no decorrer das várias fases do desenvolvimento do projeto. Após este primeiro passo de identificação de recursos, os alunos devem procurar identificar qual a necessidade da comunidade sobre a qual querem intervir. Este processo de discernimento implica uma confirmação das necessidades identificadas, devidamente fundamentada. Para isso será necessário realizar um trabalho de pesquisa na internet, fazer entrevistas junto da comunidade, observar o ambiente em que se pretende intervir e recorrer à experiência pessoal de cada um. É importante nesta fase recorrer aos parceiros locais, na medida em que são estes que à partida possuem o maior conhecimento sobre os possíveis problemas. Depois de se confirmar como válida a necessidade que se colocou como ponto de partida, poder-se-á prosseguir para a fase seguinte.

3.2. Preparação e planeamento

Esta fase engloba uma série de atividades precursoras da implementação da ação de PS que foi idealizada. Neste momento os alunos devem realizar um trabalho de aprofundamento dos seus conhecimentos, inerentes à temática de intervenção selecionada. Nesse sentido, podem realizar um trabalho de investigação, recorrendo a bibliotecas, à internet ou até à consulta de especialistas nos assuntos em causa. Se por exemplo o projeto envolve a criação de uma horta comunitária, pode ser importante para os alunos estabelecer o contacto com um agricultor ou com um engenheiro agrónomo. Ainda recorrendo ao mesmo exemplo, poderá também ser importante os alunos realizarem uma visita de estudo a um terreno agrícola com objetivos concretos de aprendizagem. É interessante evidenciar que o desenvolvimento da PS permite aos alunos, nesta e noutras fases, o contacto com diferentes realidades profissionais. Estes contactos podem ser vantajosos na medida em que ajudem os alunos a discernir as suas opções de carreira profissional, que numa fase inicial passam pela escolha das disciplinas ou curso.

Os professores devem igualmente preparar-se no sentido de poderem assumir o papel de facilitadores da aprendizagem que os alunos vão construindo. A articulação entre diferentes professores e disciplinas é uma mais valia que deve ser aproveitada, no sentido de enriquecer a experiência. Cabe aos professores perceber claramente quais as capacidades que os alunos devem adquirir ou desenvolver, para que seja possível obter os resultados esperados com a realização do projeto. Mais uma vez importa referir, que se espera da PS mais do que a implementação de uma ação de voluntariado. Neste processo os alunos vão realizando uma aprendizagem ativa e vão igualmente desenvolvendo o seu sentido crítico. No processo de planificação são também chamados a desenvolver competências de observação e análise, a sua criatividade, assim como outros talentos que até lhes podiam ser desconhecidos. É possível o estabelecimento de pontes com outras áreas de conhecimento que vão sendo chamadas ao projeto. Ao desenvolver a investigação sobre um determinado problema podem ser descobertas novas necessidades que ao início não foram identificadas e que se percebe depois estarem

relacionadas. É também nesta fase que podem ser estabelecidas parcerias com instituições da comunidade, com outras turmas ou escolas ou com outros parceiros que possam contribuir com novos recursos para concretização do projeto.

3.3. Ação

Para passar à fase de ação é fundamental ter concluído uma preparação consistente, pois só deste modo se conseguirá obter bons níveis de sucesso. Ao pôr em prática o plano elaborado, serão aplicados os conhecimentos adquiridos previamente em benefício da comunidade a quem a ação se dirige. Pretende-se igualmente que a ação continue a proporcionar aos alunos oportunidades de desenvolvimento de capacidades e conhecimentos de forma contínua.

É normal que nem tudo aconteça como estava planeado, ou que se perceba que o plano elaborado tem de ser revisto. Os erros devem ser vistos como oportunidades de aprendizagem e melhoria, parte integrante desta experiência e não como situação de derrota ou penalização.

Relativamente ao fator tempo, não é possível indicar um padrão para a duração de cada fase, uma vez que esta depende da tipologia do projeto. A fase de ação, por exemplo, tanto pode decorrer em apenas um dia, como num período letivo, como prolongar-se ao longo de todo o ano. É apenas necessário que cada fase decorra de forma consistente, sem que seja ultrapassada ou ignorada nenhuma delas. Importa referir que o fator tempo, não é impeditivo da utilização desta proposta educativa, na medida em que esta não se apresenta como algo externo à planificação de uma disciplina. Os conteúdos das várias disciplinas do currículo são parte integrante e indispensável desta proposta educativa e devem ser valorizados.

A fase de ação pode ainda revelar a necessidade de aquisição de novas competências por parte dos alunos, que não estavam inicialmente previstas. Retomando o exemplo da horta, pode aparecer repentinamente uma praga que é necessário combater. Pode também ser necessário

estabelecer novas parcerias ou contactar outras pessoas. Percebe-se deste modo que a PS é em si um processo em construção, profundamente dinâmico, onde há espaço para o crescimento pessoal de cada aluno. O acompanhamento que o professor oferece deve por isso ser individualizado, sendo necessário ir ao encontro das necessidades de cada aluno, escutando as dúvidas e ajudando-o a desenvolver as suas capacidades.

Ao observar os resultados da sua ação, o aluno vai tomando consciência da importância do seu papel para o grupo e para a comunidade. No futuro, isto poderá levá-los a querer assumir responsabilidades concretas como membros ativos da sociedade. A transformação dos planos em ações, faz com que os alunos se envolvam e ofereçam o seu contributo para o bem comum, aplicando as suas ideias, energia, talentos, capacidades, conhecimentos, entusiasmo e preocupação em favor de quem os rodeia.

3.4. Reflexão

A reflexão é na PS um elemento fundamental para que o aluno possa beneficiar totalmente desta metodologia. Através da reflexão o aluno vai olhar de uma forma pessoal para toda a experiência, conhecimentos e capacidades adquiridas e perceber que influência teve em si próprio e na comunidade. Deve ser dado tempo para que o aluno realize efetivamente um tempo de paragem para identificar as consequências concretas da experiência realizada. As competências de reflexão nem sempre se manifestam de uma forma natural, sendo por vezes necessário a intervenção do professor no sentido de clarificar e oferecer estratégias para que ela aconteça. O resultado da reflexão pode ser algo simples, que passe pela identificação daquilo que foi feito ou a comparação entre o que era esperado e o que efetivamente aconteceu.

É uma experiência bastante enriquecedora, que ajudará os intervenientes a tomar consciência de todo o processo. É importante que os alunos identifiquem os sentimentos envolvidos, destaquem algum momento em particular ou uma aprendizagem que realizaram e

que para si foi significativa. Podem também destacar algum aspeto que não tenham corrido bem e que poderia ter sido concretizado de um modo diferente. A fase de reflexão não deve ser descuidada, devendo ser feita de um modo estruturado, num ambiente que seja facilitador.

Durante o desenvolvimento do projeto podem realizar-se diferentes momentos de reflexão, não sendo necessário que ela ocorra apenas depois da ação estar finalizada, pode até ser importante e necessário que se realizem momentos de reflexão intermédios. Uma reflexão final terá naturalmente uma abrangência diferente, sendo até possível incluir nesta fase os diferentes parceiros da comunidade que tenham estado envolvidos.

3.5. Demonstração

A quinta e última fase desta metodologia é a demonstração. Pretende-se que nesta fase os alunos apresentem as aprendizagens que realizaram e as ações que desenvolveram em benefício da comunidade. A forma de o fazer pode ser bastante diversa. Podem escrever um artigo para um jornal local, fazer uma apresentação pública, organizar uma exposição com fotografias, entre outras hipóteses. Cada uma das fases anteriores deve aqui ser contemplada e apresentada. Torna-se assim possível mostrar aos outros aquilo que aprenderam, partilhar os conhecimentos adquiridos e ao mesmo tempo tomarem consciência e reconhecer todo esse processo de que fizeram parte e no qual tiveram um papel determinante. A demonstração é por isso importante para os próprios alunos, que assim consolidam aquilo que aprenderam.

Esta fase pode igualmente conter um momento de celebração pelos resultados obtidos, em que a comunidade é também chamada a participar. Não se trata de recompensar o trabalho realizado, mas antes de reconhecer o bem que foi feito. A comunidade e a escola reconhecem deste modo o empenho e ação dos alunos no trabalho desenvolvido. Gera-se assim um sentimento de satisfação e realização pessoal nos alunos e na própria comunidade.

4. Implementar a Pedagogia do Serviço na Escola

Como pudemos verificar anteriormente, a escola e os seus intervenientes são beneficiados com a implementação da PS. No entanto, exige-se que este processo de implementação seja rigoroso, de modo a não colocar em risco a aprendizagem dos alunos.

Qualquer nível de ensino permite a implementação da PS, desde o pré-escolar até à formação de adultos. É porém necessário que a atividade desenvolvida pela escola, vá ao encontro do seu projeto educativo. É neste documento que está inscrita a proposta educativa da escola a partir da qual se desenvolve toda a sua ação. Trata-se de um bilhete de identidade da instituição, resultante da reflexão sobre a sua realidade. Deve ter em conta as características dos alunos, das suas famílias, do contexto comunitário em que se insere a escola, o perfil dos docentes, entre outros elementos que lhe dão um carácter único. Uma escola implantada num contexto rural e outra implantada em contexto urbano, terão desde logo necessidade de refletir esta diferença no seu projeto. Este documento deve por isso determinar as finalidades e objetivos da ação da instituição e as formas de o alcançar. A opção pela metodologia de PS, ao ser assumida pela escola, deve constar do projeto educativo, e constituir-se como um elemento diferenciador.

Um projeto educativo que tenha por finalidade o desenvolvimento integral do aluno, nas suas diversas componentes, deve refletir essa opção nos restantes projetos que dele derivam, nomeadamente nos projetos curriculares e planos de atividades. Na medida em que as bases institucionais vão ao encontro da metodologia da PS, a sua integração e desenvolvimento será naturalmente mais fácil.

O sucesso da integração da PS no quotidiano da escola, está também dependente das estratégias utilizadas para familiarizar os docentes da instituição com estes projetos¹²⁷. É necessário explicitar formas de aproximação entre os currículos das diferentes disciplinas e os

¹²⁷ Cf. J.M. PUIG; R. BATLLE; C. BOSCH; J. PALOS, *Aprendizaje servicio: Educar para la ciudadanía*, 150.

projetos de PS; a possibilidade de aplicação em todos os níveis de ensino; os benefícios educativos que eles podem comportar. Todos os aspetos práticos da metodologia devem ser apresentados, as possibilidades de temas que podem ser abordados deste modo, quais os possíveis destinatários das ações de serviço, os recursos necessários, e naturalmente será também importante esclarecer as dúvidas que possam surgir no contexto específico de cada instituição.

Embora seja possível realizar um projeto pontual, quando se pretende que toda a escola integre esta dinâmica e que surjam diversos projetos, é necessário um planeamento rigoroso e abrangente. Este processo terá de ser feito de uma forma gradual, contemplando algumas ações concretas. Toda a comunidade deve ser informada sobre a metodologia da PS, devendo-se evidenciar a proximidade com atividades que a escola já realiza e que podem até ser integradas em projetos. Partindo da perceção obtida nas sessões de apresentação da metodologia, é importante avaliar a possibilidade de adesão dos professores tendo em conta a sua motivação. Os programas das disciplinas devem ser alvo de estudo no sentido de se perceber como podem ser integrados em ações de serviço. É fundamental divulgar projetos já implementados e os resultados que com eles foram alcançados e, conforme forem surgindo projetos na instituição, dar um particular destaque à fase de demonstração.

Os conteúdos curriculares têm obrigatoriamente um lugar de destaque no desenvolvimento dos projetos, uma vez que a aprendizagem que resulta da PS está sempre fundada nos conteúdos curriculares das disciplinas. Naturalmente haverá disciplinas onde a integração com a metodologia de PS será mais fácil, no entanto, os projetos de PS podem estar vinculados a uma grande diversidade de conteúdos. Uma vez mais, a análise do contexto em que a escola se insere é fundamental na seleção dos temas a trabalhar. Estes devem ser relevantes e significativos para todos os envolvidos. Partindo da identificação dos temas, a tarefa de lhes associar os conteúdos curriculares torna-se mais simples. No entanto o processo pode partir diretamente dos conteúdos ou de outras áreas de interesse quer dos alunos quer da

comunidade educativa tais como: notícias, problemas sociais da atualidade, questões relativas à vida escolar, ou outras derivadas dos contextos dos intervenientes.

A partilha de experiências concretas de aplicação da PS, constitui um dos principais veículos de promoção desta metodologia, pois torna evidentes os seus benefícios. Cathryn Kaye como resultado da sua experiência, elaborou um guia prático da PS, já referenciado anteriormente, onde explora os temas mais utilizados em projetos e apresenta sugestões de implementação para grupos de diferentes níveis de ensino. Entre os temas apresentados estão por exemplo: a imigração, pobreza, literacia, adoção de estilos de vida saudáveis ou a proteção do ambiente. Refere igualmente, para cada um dos temas, as possibilidades de integração do currículo das principais áreas disciplinares, tais como: matemática, línguas, ciências sociais e humanas, ciências naturais, informática, educação física e artes. A utilização deste ou de outros guias práticos, embora necessitem obrigatoriamente de uma adaptação à realidade portuguesa, são uma ferramenta útil que poderá ser facilitadora do processo de introdução da metodologia na escola.

O sucesso da introdução da PS na escola, depende, no entanto, de uma conjugação de esforços. Não bastará a boa vontade de alguns professores que se identificaram com a metodologia, é necessário o envolvimento dos órgãos diretivos da escola, das instituições comunitárias, dos professores e restantes elementos da escola. É necessário que se verifique um verdadeiro trabalho de equipa para que o sucesso seja alcançado, sendo certo que com a implementação da PS todos sairão beneficiados.

CONCLUSÃO

Chiara Lubich, fundadora do Movimento dos Focolares, num congresso de jovens realizado na cidade de Roma, em 1998, afirmava que Jesus no Evangelho nos ensina que a coisa mais importante é o Amor: amar a Deus que é nosso Pai e amar os outros, que são nossos irmãos¹²⁸. Acrescentava que aprender a amar como Jesus é como aprender uma arte, “a arte de amar” e explicava ainda que para amar é preciso fazer quatro coisas: amar a todos, ser o primeiro a amar, “ver Jesus no outro” e “fazer-se um” com os outros.

A lecionação da unidade letiva, “Jesus, um Homem para os outros”, que decorreu durante a PES, levou-me a refletir no contributo especificamente cristão que tenho para oferecer à escola. Este terá de passar necessariamente pela proposta concreta da mensagem de Jesus, a tal “arte de amar”, que na prática se poderá traduzir em levar os alunos a assumir um papel ativo na construção de uma comunidade mais humana e na promoção do bem comum. Importa reafirmar que a mensagem de Jesus é o fundamento da disciplina de EMRC e que sem ela a existência da disciplina deixaria de fazer sentido.

É inegável que “fazer-se um com os outros”, fazer-se próximo, é hoje uma tarefa urgente. Na história do cristianismo, são muitos os exemplos de homens e mulheres que tal como o samaritano da parábola contada por Jesus, assumiram esta tarefa na sua vida. O Pe. Américo de Aguiar, apresentado neste relatório, foi um exemplo claro de alguém que olhava o mundo que o rodeava, procurando ir ao encontro das necessidades daqueles com quem se deparava. Antecipava já a resposta ao desafio lançado pelo Papa Francisco: “sair da própria comodidade e ter a coragem de alcançar todas as periferias que precisam da luz do Evangelho”¹²⁹. O Pe. Américo não se limitou a dar um auxílio pontual aos rapazes que viviam nas ruas de Coimbra, fez-se verdadeiramente próximo de cada um deles. O nome que lhe foi dado por estes rapazes, “Pai Américo”, diz muito sobre quem foi este padre na vida de tantas centenas de crianças e

¹²⁸ C. LUBICH, *Discurso no Congresso Gen4*, disponível em <http://focolares.pt/>, acedido a 9.02.2018.

¹²⁹ FRANCISCO, *Evangelii Gaudium*, 20.

jovens. A realidade do tempo presente, continua a não permitir que nos acomodemos. Somos desafiados a deixarmo-nos inspirar por estes exemplos de vida e a trocar a comodidade do sofá por um par de sapatos que nos ajude a caminhar ao encontro de Jesus, “presente no faminto, no sedento, no maltrapilho, no doente, no encarcerado, no refugiado e migrante, no vizinho que vive só”¹³⁰.

Propor a PS à “escola”, é uma forma clara de promover o envolvimento ativo dos alunos com a comunidade e com as suas necessidades concretas, num processo em que a aprendizagem e o serviço estão vinculados. Alunos, escola e comunidade são beneficiados com a implementação desta proposta que valoriza todo o processo educativo. O envolvimento intelectual e emocional dos alunos com a aprendizagem, através da PS, torna-os mais curiosos e ansiosos por aprender e também pessoas mais sensíveis e despertadas para identificar as necessidades do outro.

A proposta de introduzir a PS nos programas curriculares pode, no entanto, encontrar alguma resistência por motivos diversos. Considero por isso importante fomentar experiências piloto, no contexto português, que possam comprovar os benefícios da implementação da PS no âmbito da educação formal. Numa fase inicial, poderá ser necessária a criação de pequenos grupos de trabalho, que procurem estudar formas de implementar a PS, que se adaptem a cada contexto específico. Os resultados obtidos deverão ser divulgados em publicações científicas, através da realização de comunicações ou recorrendo a outros meios que facilitem a divulgação. É importante que a comunidade docente e as entidades encarregues da gestão das escolas possam ter contacto com a PS e com dados concretos que comprovem os seus benefícios. Depois da realização deste relatório, que visa apresentar uma proposta, seria gratificante poder envolver-me concretamente na sua implementação prática.

Todos os tempos nos trazem as suas graças e dificuldades, mas importa olhar cada tempo como um bem que nos é concedido¹³¹. Foi com este “olhar” que procurei viver a PES e todo o

¹³⁰ Cf. FRANCISCO, *Discurso do Santo Padre - vigília de oração com os jovens na XXXI Jornada Mundial da Juventude em Cracóvia*, disponível em <http://www.vatican.va>, acedido a 9.02.2018.

¹³¹ Cf. V. P. MAGALHÃES, *Só avança quem descança – a sabedoria do tempo*, Tenacitas, Coimbra, 2014.

percurso de formação que a antecedeu, sabendo também que o tempo vale “pelo que se amou e se deixou amar”¹³². A “arte de amar” é sem dúvida o caminho que torna possível a construção de um mundo mais humano e que possibilita o encontro pessoal com os outros e com Deus, arte que procurarei continuar a desenvolver ao longo do meu percurso pessoal e profissional.

¹³² *Ibidem.*

BIBLIOGRAFIA

Fontes Bíblicas

Tradução da Difusora Bíblica, Lisboa, 1998.

Documentos do Magistério

BENTO XVI, *Carta Encíclica: Deus é Amor, (Deus Caritas est)*, Paulinas, Lisboa, 2006.

BENTO XVI, *Carta Encíclica: A Caridade na verdade, (Caritas in Veritate)*, Paulus, Lisboa, 2009.

BENTO XVI, *Carta à Diocese de Roma sobre a tarefa urgente da formação das novas gerações*, Libreria Editrice Vaticana, Vaticano, 2008.

BENTO XVI, *Homilia - Rito de Canonização do Beato José Damião de Veuster*, Libreria Editrice Vaticana, Vaticano, 2009.

BENTO XVI, *Catequeses sobre a fé, Audiência Geral de 24 de Outubro de 2012*, Libreria Editrice Vaticana, Vaticano, 2012.

CONCÍLIO ECUMÉNICO VATICANO II, *Constituição pastoral sobre a Igreja no mundo contemporâneo, (Gaudium et Spes)*, Editorial A.O., Braga, 1987.

CONCÍLIO ECUMÉNICO VATICANO II, *Declaração sobre a educação cristã, (Gravissimum educationis)*, Editorial A.O., Braga, 1987.

CONFERÊNCIA EPISCOPAL PORTUGUESA, *Educação Moral e Religiosa Católica - um valioso contributo para a formação da personalidade*, Secretariado Geral da Conferência Episcopal Portuguesa, Lisboa, 2006.

FRANCISCO, *Carta Encíclica: A Alegria do Evangelho, (Evangelii Gaudium)*, Paulus, Lisboa, 2014.

FRANCISCO, *Discurso do Santo Padre - Vigília de oração com os jovens na XXXI Jornada Mundial da Juventude em Cracóvia*, Libreria Editrice Vaticana, Vaticano, 2016.

FRANCISCO, “Meditações Matutinas - Nenhuma preguiça”, *L'Osservatore Romano - ed. Portuguesa* 46 (2014).

FRANCISCO, *Mensagem para a Quaresma de 2015*, Libreria Editrice Vaticana, Vaticano, 2015.

FRANCISCO, *Carta Encíclica “Louvado Sejas”, (Laudato Si’)*, Paulus, Lisboa, 2015.

FRANCISCO, *Homília - Rito de Canonização da Beata Madre Teresa de Calcutá*, Libreria Editrice Vaticana, Vaticano 2016.

FRANCISCO, *Homilia da Missa da Ceia do Senhor*, Libreria Editrice Vaticana, Vaticano, 2017.

JOÃO PAULO II, *Exortação Apostólica: Vocação e Missão dos Leigos na Igreja e no mundo, (Christifideles Laici)*, Edições Paulistas, Lisboa, 1989.

JOÃO PAULO II, *Carta Apostólica: No início do Novo Milénio, (Novo Millennio Ineunte)*, Paulinas, Lisboa, 2001.

JOÃO PAULO II, *Homília - Rito de Beatificação de Madre Teresa*, Libreria Editrice Vaticana, Vaticano, 2003.

PONTIFÍCIO CONSELHO “JUSTIÇA E PAZ”, *Compêndio da Doutrina Social da Igreja*, Libreria Editrice Vaticana, Vaticano, 2004.

RATZINGER, J. - BENTO XVI, *Jesus de Nazaré, A Esfera dos Livros*, Lisboa, 2007.

RATZINGER, J. - BENTO XVI, *Jesus de Nazaré: Da entrada em Jerusalém à Ressurreição*, Princípia, Cascais, 2011.

Estudos

AGUIAR, A., *Pão dos Pobres, 1.º Vol*, Casa do Gaiato, Paço de Sousa, 1986.

ARENDS, R., – *Aprender a Ensinar*, McGraw-Hill, Lisboa, 1995.

BERGOGLIO, J.M., *Educar para uma esperança ativa - mensagens aos educadores*, Paulinas, 2015.

BORGES DE PINHO, J. E., “Comunhão Ecclesial e Diaconia”, *Communio* 2 (2001), 116-129.

BORTOLINI, J., *Comentário à Liturgia Dominical*, Edições Paulistas, Lisboa, 1992.

BOVON, F., *El Evangelio Según San Lucas II: (Lc 9, 51 – 14, 35)*, Ediciones Sígueme, Salamanca, 2002.

BRÁS, N., “Porque tens um X ao pescoço?”, *Semanário Voz da Verdade*, n.º 4185 (2015), 16.

- CLEMENTE, M., *O Evangelho e a Vida*, Lucerna, Cascais, 2015.
- PEDRINHO, D., “Competência científica e competência educativa do professor de EMRC”, *Pastoral Catequética – Revista de Catequese e Educação*, n.º 21/22 (2012), 21-36.
- EQUIPO KAINÓS, *Aprendizaje-Servicio*, Ágape - Editorial Edelvives, 2015.
- GNILKA, J., *Jesus de Nazaré*, Presença, Lisboa, 1999.
- JEREMIAS, J., *As parábolas de Jesus*, Paulus, São Paulo, 2007.
- KAYE, C. B., *The Complete Guide to Service Learning*, Free Spirit Publishing, Minneapolis, 2010.
- LEMOES, N., *Textos para Rezar*, Apostolado da Oração, Braga, 2016.
- MAGALHÃES, V., *Só avança quem descansa – a sabedoria do tempo*, Tenacitas, Coimbra, 2014.
- MARCELINO, A., *Padre Américo - precursor do II Concílio do Vaticano: a sua leitura dos sinais do tempo*, Edições Alforria - Tenacitas, Coimbra, 2016.
- MENDES, M., *Instrumentum laboris da Recolecção de Advento dos Padres da Diocese do Porto*, Diocese do Porto, Porto, 2016.
- NUNES, T., “O perfil do docente de Educação Moral e Religiosa Católica”, in *Fórum de Educação Moral e Religiosa Católica*, SNEC, Lisboa, 2015.
- OLIVEIRA, A., *Carta Pastoral: Eu vim para servir*, Diocese de Viana do Castelo, Viana do Castelo, 2016.
- PAGLIA, V., *De la compasión al compromiso: La parábola del buen Samaritano*, Ediciones Narcea, Madrid, 2009.
- PEREIRA, J., “Uma perspectiva sobre o perfil do professor”, in *Pastoral Catequética - Revista de Catequese e Educação*, n.º 5 (2006), 97-123.
- POLICARPO, J., *A Eucaristia e a Caridade - Homília da Missa da Ceia do Senhor*, Patriarcado de Lisboa, Lisboa, 2004.
- PUIG, J.M.; BATLLE, R.; BOSCH, C.; PALOS, J., *Aprendizaje servicio: Educar para la ciudadanía*, Ediciones Octaedro, Barcelona, 2007.
- SALESIANOS DE MANIQUE - ESCOLA, *Projeto Educativo de Escola 2010-2014*, ESM, Manique, 2010.

SALESIANOS DE MANIQUE - ESCOLA, *Plano de Desenvolvimento Curricular: Desafia-te a Fazer Maravilhas - 2016-2017*, ESM, Manique, 2016.

SECRETARIADO NACIONAL DA EDUCAÇÃO CRISTÃ, *Programa de Educação Moral e Religiosa Católica*, SNEC, Lisboa, 2014.

TEIXEIRA, A., *P@l@vras da Palavra*, Edição de autor, Lisboa, 2017

VAZ, A., *Palavra Viva, Escritura Poderosa: A Bíblia e as Suas Linguagens*, Universidade Católica Editora, Lisboa, 2013.

Legislação

Decreto-lei 240/2001 de 30 de Agosto. Diário da República, 1.^a série, n.º 201, Ministério da Educação, Lisboa.

Decreto-Lei n.º 3/2008 de 7 de Janeiro. Diário da República, 1.^a série, n.º 4, Ministério da Educação e Ciência, Lisboa.

Decreto Lei n.º 139/2012 de 5 de Julho. Diário da República, 1.^a série, n.º 129, Ministério da Educação e Ciência, Lisboa.

Webgrafia

<http://www.aprendizajeservicio.net>, acedido a 15.11.2017.

<http://www.servicelearning.org>, acedido a 15.11.2017.

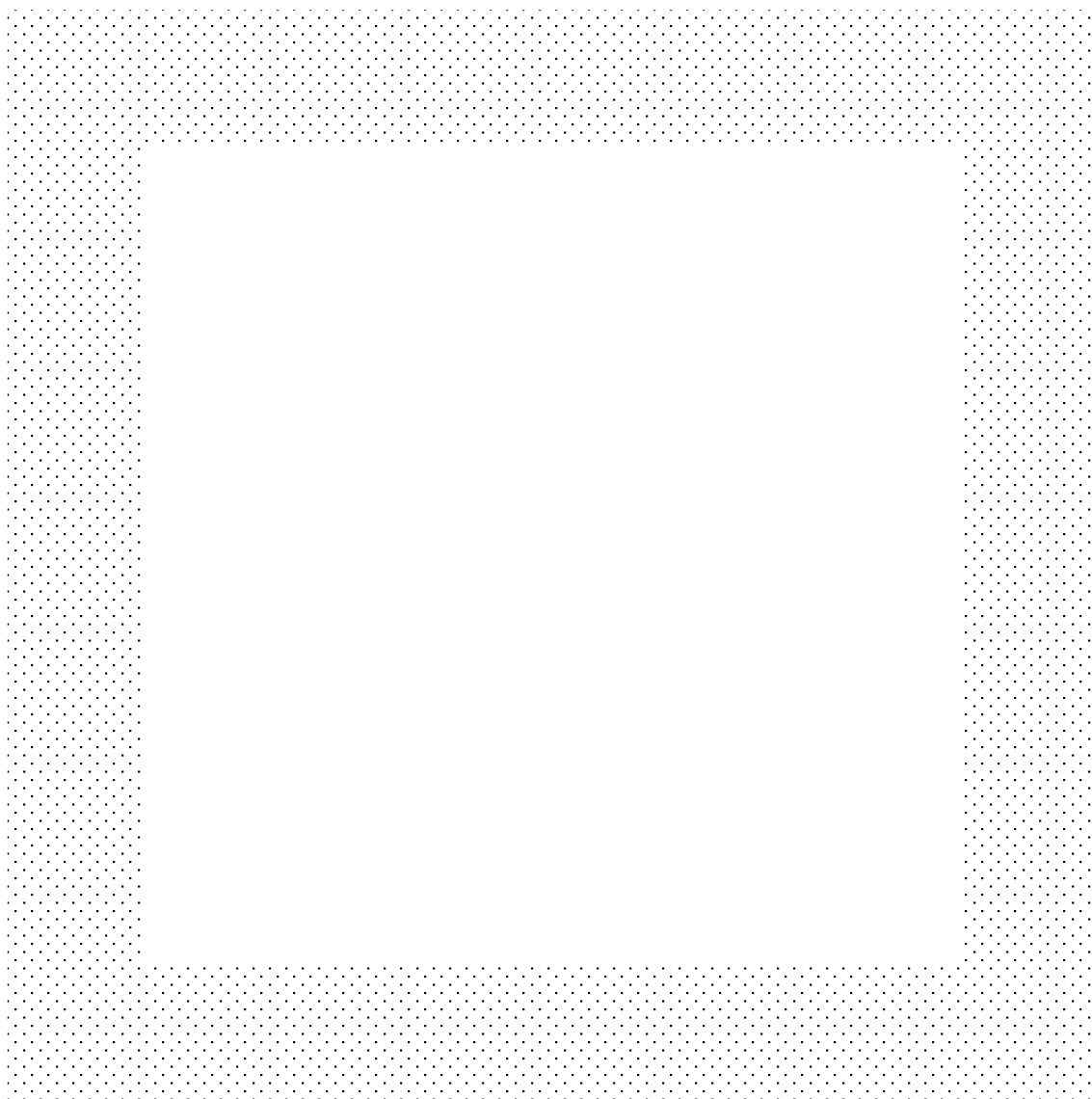
<http://www.zerbikas.es/>, acedido a 28.12.2017.

<http://roserbatlle.net/aprendizaje-servicio>, acedido a 28.12.2017.

<http://focolares.pt/dado-do-amor/>, acedido a 9.02.2018.

ANEXOS

Portefólio da PES:



ÍNDICE

INTRODUÇÃO	5
CAPÍTULO I – A PRÁTICA DE ENSINO SUPERVISIONADA	8
1. Caracterização da Escola e da Turma	9
1.1. Caracterização da Escola	10
1.2. Caracterização da Turma.....	16
2. Avaliação Global da PES	18
3. O perfil do professor de EMRC	24
3.1. Personalidade humana	25
3.2. Personalidade docente.....	27
3.3. Personalidade crente	29
3.4. Considerações finais.....	30
CAPÍTULO II – JESUS, UM HOMEM PARA OS OUTROS	32
1. Jesus, exemplo vivo de proximidade e amor	35
1.1. Aprender a ser próximo com o “Bom Samaritano”	36
2. Jesus, “servo por amor”	42
3. Um mundo com sede de amor	45
4. Cristãos, Homens para os outros	48
4.1. O contributo da Doutrina Social da Igreja.....	48
4.2. O Serviço na vida da comunidade crente	50
5. Exemplos de vidas para os outros	54
5.1. Santa Teresa de Calcutá	55
5.2. São José de Veuster.....	56
5.3. Pe. Américo Monteiro de Aguiar.....	56

CAPÍTULO III – PEDAGOGIA DO SERVIÇO	59
1. Em que consiste a Pedagogia do Serviço?	61
1.1. A origem da Pedagogia do Serviço	62
1.2. Definição(ões)	63
1.3. Principais características da Pedagogia do Serviço.....	64
1.4. Elementos distintivos da Pedagogia do Serviço.....	66
1.5. As noções de comunidade e serviço	68
2. Benefícios da Pedagogia do Serviço	70
3. Etapas da Pedagogia do Serviço	72
3.1. Investigação.....	73
3.2. Preparação e planeamento	74
3.3. Ação.....	75
3.4. Reflexão	76
3.5. Demonstração	77
4. Implementar a Pedagogia do Serviço na Escola.....	78
CONCLUSÃO	81
BIBLIOGRAFIA.....	84
ANEXOS.....	88